ILUSTRAÇÃO

1.º ANO — Número 1

PREÇO 4$00

Lisboa, 1 de Janeiro de 19266

Biblioteca de Instrução Profissional

A ÚNICA COLECÇÃO DE LIVROS TÉCNICOS
PUBLICADA EM LÍNGUA PORTUGUESA

Volumes encadernados em percalina, de formato portátil e manuseável

Contém as seguintes séries:

Elementos Gerais:

Álgebra elementar, (2.ª edição) — **Aritmética prática**, (8.ª edição) — **Desenho linear geométrico**, (6.ª edição) — **Elementos de electricidade**, (5.ª edição) — **Elementos de Física**, (5.ª edição) — **Elementos de mecânica**, (4.ª edição) — **Elementos de modelação**, (2.ª edição) — **Elementos de projecções**, (2.ª edição) — **Elementos de química**, (4.ª edição) — **Escrituração comercial e industrial**, (3.ª edição) — **Geometria plâna e no espaço**, (4.ª edição) — **O livro de português**, (3.ª edição).

Mecânica

Desenho de máquinas, (3.ª edição) — **Material agrícola**, (2.ª edição) — **Nomenclatura de caldeiras e máquinas de vapor**, (3.ª edição) — **Problemas de máquinas**, (4.ª edição).

Construção Civil

Acabamentos das construções, (2.ª edição) — **Alvenaria e cantaria**, (4.ª edição) — **Edificações**, (4.ª edição) — **Encanamentos e salubridade das habitações**, (3.ª edição) — **Materiais de construção**, (4.ª edição) — **Terraplenagens e alicerces**, (4.ª edição) — **Trabalhos de carpintaria civil**, (5.ª edição) — **Trabalhos de serralharia civil**, (3.ª edição) — **Cimento armado** — **Elementos de história da Arte.**

Construção Naval

Construção naval, 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º volumes.

Manuais de Ofícios

Condutor de automóveis, — **Condutor de máquinas**, (4.ª edição) — **Electricista**, (5.ª edição) — **Fabricante de tecidos**, (2.ª edição) — **Ferreiro**, (3.ª edição) — **Fogueiro**, (2.ª edição) — **Formador e estucador**, (2.ª edição) — **Fundidor**, (4.ª edição) — **Galvanoplastia**, (2.ª edição) — **Motores de explosão**, (3.ª edição) — **Navegante**, (3.ª edição) — **Pilotagem**, (2.ª edição) — **Sapateiro**, — **Serralheiro mecânico**, — (2.ª edição) — **Tipógrafo**, — **Topografia e agrimensura**. — **Torneiro e frezador mecânicos.**

Descrição de diversas indústrias

Indústria alimentar, (2.ª edição) — **Indústria de cerâmica**, (2.ª edição) — **Indústrias de fermentação**, (2.ª edição) — **A hulha**, — **Iluminação**, — **Metalurgia**. — **Indústria da sêda**, — **Indústria do vidro.**

ENVIAM-SE CATÁLOGOS A QUEM OS REQUISITAR

PEDIDOS AOS EDITORES:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

A velha sentença arremessada algures com o entono de quem formula um axioma, segundo a qual a Europa acaba nos Pirineus, viria desmenti-la o aparecimento da *Ilustração* se é certo que — à semelhança de Cuvier que por uma só vértebra reconstituia um exemplar zoológico desaparecido — podemos ajuizar da civilização dum povo por um dos seus aspectos expressivos.

Não sorria o leitor que não nos tenta o prurido de arquitectar paradoxos.

A imprensa diária, com a complexidade assombrosa das modalidades sociais que refrange, inseriu-se de tal modo na vida nossa contemporânea que, sem jornais, não se concebe já hoje, qualquer que seja a sua latitude, uma nação em progressivo desenvolvimento. Mas a imprensa diária, com o seu noticiário que percorre a gama tôda dos factos, desde os mais banais aos mais transcendentes, com todo o nervosismo, por vezes febricitante, que os alvoroços e vicissitudes da vida política neles projectam, com o frêmito dos mil e um interêsses de que é feita a trama da convulsiva existência do nosso tempo e de que a imprensa se ressente, deixou há muito de bastar às exigências do espírito moderno. Surgiram então, para as contentar e dessedentar, como *intermezzo* do diário que se devora num momento e o livro para cuja leitura, mesmo quando seja amena e deleitosa, tantas vezes falta o tempo na vertigem contemporânea, a revista, o *magazine*, a ilustração, em cuja urdidura a pena dos escritores não colabora menos do que a imaginação dos desenhistas e o *kodak* do repórter fotográfico.

Por tôda a parte, onde quer que a civilização tenha, na verdade, afeiçoado o homem a necessidades em que o espírito predomine, as ilustrações e os *magazines* pululam, podendo bem dizer-se que ao lado da imprensa diária elas cresceram e se desenvolveram com a exuberância duma floração tropical. Tem-nas a França, a Alemanha, a Inglaterra, os Estados-Unidos, todos os países e tôdas as nações onde o progresso geral da cultura e o aperfeiçoamento das artes gráficas tornam possível a multiplicação dêsse admirável instrumento de refinamento do espírito que é, incontestàvelmente, uma ilustração para cuja confecção se aliancem os recursos mais altos da inteligência e da sciência, a sensibilidade dos artistas e a perfeição técnica dos que nos diversos ramos das artes gráficas exercem, por vezes numa obscuridade, que os seus méritos nos fazem parecer injusta, uma actividade laboriosa e modesta.

E vem agora, a talho de foice, a clara refutação da velha sentença a que aludimos no comêço destas linhas.

Se a revista, a ilustração, o *magazine* são, na realidade, tudo isso que, embora em traços sumários, acentuámos, não é exacto que a Europa acabe nos Pirineus, porque ninguém ignora que a Espanha possui algumas esplêndidas revistas que, sem desdoiro para o seu progresso gráfico, podem ser confrontadas com o que de mais interessante há lá fora. Em Portugal, mercê de factores vários, ainda não foi possível sustentar qualquer coisa que, no gênero, possa equiparar-se ao que, para não irmos buscar exemplos estranhos à nossa raça, se faz já no Brasil.

As tentativas que nêsse sentido têm sido feitas, modestas embora — e talvez por isso mesmo — foram infrutíferas. A *Ilustração* surge, pois, sem receio de competições, que, de resto, seriam para desejar, neste campo que urge desbravar a poder de persistência, bom gôsto e mercê da coadjuvação de múltiplos elementos.

Não poderiam ser melhores os que vão prestar à *Ilustração* a cooperação do seu talento, do seu saber e da sua arte.

É, sobretudo, fiados no merecimento dessa colaboração, que a *Ilustração* teve a felicidade de se assegurar, que nos abalançamos a tôdas as canseiras e sacrifícios lançando a público esta revista que, de número para número, nos esforçaremos por tornar cada vez mais perfeita em tudo aquilo que directamente dependa do nosso esfôrço.

OS SEUS COLABORADORES

Dr. Agostinho de Campos

Dr. Afonso Lopes Vieira

Albino Forjaz de Sampaio

Dr. Afrânio Peixoto

André Brun

Antero de Figueiredo

António Correia d'Oliveira

r. António Patrício

António Sergio

Aquilino Ribeiro

Dr. Armando Cortesão

Dr. Augusto Gil

Bourbon e Meneses

Dr. Carlos Amaro

Carlos Selvagem

César de Freas

Eduardo Pinto da Cunha

Francisco de Lacerda

D. Helena de Aragão

Henrique Lopes de Mendonça

Henrique Roldão

Hernandez Catá

Dr. Jaime Cortesão

Dr. José Leite de Vasconcelos

D. José de Melo Breyner

João Emilio Segurado

João Fonseca

Júlio Caiola

Dr. Júlio Dantas

Dr. Leonardo de Castro Freire

Dr. Brito Camacho

Dr. M. Ferreira de Mira

D. Maria Fernandes Costa

Norberto de Araujo

Raúl Brandão

Raúl Lino

Dr. Reinaldo dos Santos

Teixeira de Pascoaes

Emmerico Nunes

Francisco Valença

Martins Barata

Menezes Ferreira

Stuart de Carvalhais

Fernando Bordallo Pinheiro

João Pavia de Magalhães

Vasco Serra Ribeiro

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA EMPRÊSA
DO ANUÁRIO COMERCIAL
P. dos Restauradores, 24-Lisboa

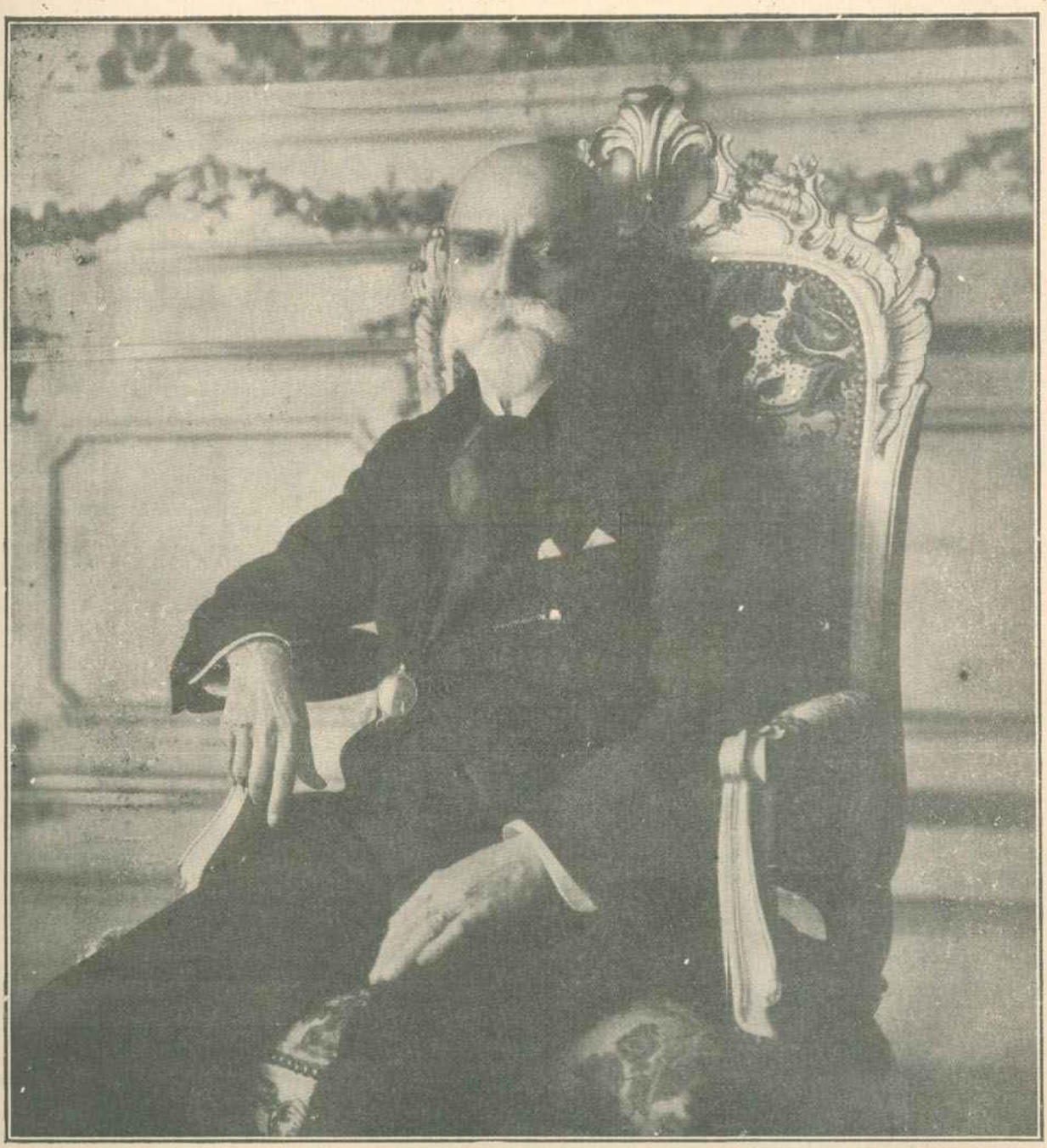
ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:
AILLAUD, L.DA
R. Anchieta, 25 — Lisboa

ANO 1.º — NÚMERO 1
3.ª EDIÇÃO

DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA
PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1 DE JANEIRO DE 1926



(Cliché Serra Ribeiro)

DR. BERNARDINO MACHADO

PRESIDENTE DA REPUBLICA ELEITO A 12 DE DIEZEMBRO DE 1925

CRÓNICA DA QUINZENA

Há na nossa língua um livro, um dêstes livros clássicos, cuja leitura, chamada de proveito e exemplo, reputamos para os portugueses de hoje mais patriótica que a dos *Lusíadas* e até mais edificante que a da própria *Bíblia*: a ARTE DE FURTAR. Sub-denominada a justo título *Gazua Geral dos Reinos de Portugal*, nela ressalta claro como a luz do sol que é Mercúrio o deus que preside aos destinos desta santa terrinha, e que o haver-se elevado Nossa Senhora da Conceição a padroeira o foi em atenção ao manto, peça da indumentária que simbolisa o patrocínio vergonhoso, o sistema do abafarete, a impunidade que, nestas partes, desfrutam os gatunos, mòrmente os de gravata e polainas nos pés. As pessoas, amantes das boas letras e dotadas de boa fé, que queiram vacinar-se contra a ladroice... e até contra a honradez, que vai parecendo apanágio de beócios, aconselhamos o ameno e desinvolto livrinho. Não se vá, porém, com a esperança de ali encontrar um fio de Ariana que nos guie na tenebrosa e labiríntica caverna do Caco que é o Angola e Metrópole. A concepção duma tão portentosa fábrica de embustes não ousava a fantasia, pôsto que ardente, de António Vieira. Em verdade, tão prolixo em destorcer os processos das unhas aduncas, desde as unhas de fome às unhas invisíveis e políticas, no capítulo da moeda falsa, precisamente, é omisso aquele *espelho de enganos e teatro de verdades*. A razão de tal lacuna em compêndio tão completo e esclarecido, não é fácil de descortinar. O certo é que desde o sôldo afonsino e o real, houve entre nós falsificadores de moeda e passadores de moeda falsa; atestam-no as Ordenações, que a menor sanção que ditavam contra os criminosos era a pena de mão cortada. O padre António Vieira não esclarecerá, pois, o romance que estamos vivendo da falsificação de 100:000 contos em notas de 500 escudos, com a efígie de Vasco da Gama, a quem Adamastor e as parcas fôram benignas não vaticinando êste desairoso lance.

Está já averiguado que havia uma quadrilha de *cavalheiros de indústria*, notável pelo arrôjo e a carência absoluta de regra moral, poderosa pelo apoio directo ou indirecto que encontrara nos homens de Estado, que deu assalto não à bolsa ou à fazenda dum homem rico, lá para a Terra Quente, crime susceptível de pena maior, mas aos cofres da nação, de molde a provocar a sua ruína, de-certo o seu descrédito, e muito provàvelmente a bancarrota, o que é um crime nefando, cuja modalidade o próprio Código não prevê. Está também averiguado que a quadrilha não fabricou num subterrâneo, para lá de invios e trabalhosos caminhos, a moeda da falcatrua, mas a trouxe nos expressos e transatlânticos acobertada pelo salvo-conduto diplomático. O que fez das primeiras rumas de notas falsas — e falsas, pois que, embora idênticas ao papel em circulação, não entraram nem saíram pelas portas legais — causa hoje o assombro de todos e não suscitou a seu tempo a suspicácia útil de ninguém. Caso de estupidez nacional ou de imoralidade ambiente, o facto é que todos sabiam que os Cresos de hoje eram pobretanas de ontem, que os gentilhomens, que estadeavam grandes e poderosas relações, davam leis na praça e arrotavam burguesia, tinham às costas um cadastro ignominioso. Compravam quintas, palácios e recheios de palácios, floreavam joias sem-par, jogavam como os heróis de Balzac, chapinhavam com a lama dos seus automóveis a gente honesta, punham mão sôbre meia África, e nem uma dúvida, sequer, toldou a serenidade beatífica com que vela a bem de nós todos a Polícia de Segurança. Chegava à aldeola certa dama — conta-se — vinda da estranja, parente dum dos nababos, e oferecia com reginal munificência para o hospitalinho local 20 contos, a cada viúva necessitada 100 escudos. E aceitou-se, também, que ainda há fadas, muito modernas, com cabelos à *garçonne*, que levantam quanto oiro apeteçam com mexer a varinha do condão! A origem do Pactolo era mais misteriosa que a do Nilo e, no entanto, homens havidos por espertos e honrados ali iam lançar as suas economias.

Pouco a pouco compravam tudo, influências, amizades, jornais, roças, negros e brancos. Vendia-se-lhes tudo: eram, breve, donos de Portugal; podiam restaurar D. Manuel no trono ou proclamar os Sovietes: podiam êles próprios ser reis ou ditadores. Os tartufos que hoje lavam as mãos ante a destroçada burla, eram ontem os seus solícitos caudatários. Para os grandes flibusteiros raiava um perpétuo sol no meio-dia.

Como se colheu o fio da meada, não concordam os dizeres. Não se espantem que seja a voz dum parvo (parvo na acepção ainda de inocente) que tenha dado o alarme, como aquele menino que ao monarca, levado nu em cortejo, mas supostamente vestido por engenho dum charlatão, gritou, abrindo os olhos a todos: — o nosso rei vai em coiro!

Em coiro também andavam êstes embaidores, e quem tinha obrigação de ter olhos apenas os via rica e opulentamente vestidos. Em coiro, porque nada daquilo que ostentavam, palácios, amantes, joias, liberalidades, era coisa própria, ou fruto dum labor razoável. Para justificar o título de posse, apenas poderiam exibir o seu despeio de aventureiros. Nem as próprias notas haviam sido fabricadas por seu punho, nem nisso relevavam do suor do seu rosto!

A par dêstes como avultam simpáticos, nimbados duma aurêola romântica ou dum claro-escuro de tragédia, o velho moedeiro falso e o próprio passador de moeda falsa! Aquele tinha a sua mestria de técnico ou a sua habilidade inata e operava como uma toupeira no fundo duma mina ou num casebre recôndito e arruinado. As moedas passavam uma a uma pela sua mão; banhava-as uma a uma com o suor da fronte e a luz dos olhos. Tôdas saíam animadas do seu bafo, ilibadas da mácula original pela angustia e tormento de batedor de moeda, à margem da lei. Contentavam-se uns em pedir ao cunho falso o suficiente pera levar a dura vida: davam prova outros duma dignidade profissional que a própria Casa da Moeda não tinha. O homem dos vintens com a bigorna e o martelo fabricava-os com o toque e pêso de lei, mais verdadeiros, pois, que os cunhados por autoridade pública, falhos sempre de quilate. Esse mágico assinava sempre a sua obra, orgulhosamente como um Benevenuto Celini. Para memória! Era um digno, ia dizer honrado artífice, que amargava os proventos que auferia e tirava menos do negócio que um merceeiro do bacalhau. Devia viver feliz e morreu com certeza pobre e sem remorsos.

Por via de regra o batedor de moeda em metal limitava-se à indústria do bilhão, raramente à da corôa. Esta modéstia o absolve do delito que cometia, ao menos no tribunal de Deus.

O passador de cédulas falsas que figura de calvário! A mais das vezes, sem eira nem beira, pés descalços, o esqueleto amarrotado, deixava-se tentar por um fato no algibebe ou um queijo flamengo numa montra e lá surgia o triste com o seu maço de notas de meio tostão, novinhas em fôlha. Estava filado. Outras vezes era uma desgraçada, que conhecia as cadeias, maltrapilha, sem firmeza no gesto, olhos de pavor, que contava de cima dum balcão de padeiro as espécies contrafeitas. Lá se iam os balancés na choupana, a desóras do burgo, e tôda uma alcateia de miseráveis desaguava de enxurrada nos calabouços infectos do Govêrno Civil a comer o rancho do galego da esquina, nem bom para cães. Onde param os Cagliostros do Angola e Metrópole? Quem os serve? O Avenida-Palace ou o Tavares?

Comparados com êstes príncipes da tranquibérnia, que viajavam de primeira, se hospedavam nos hotéis reais, tinham por sócios, compadres ou parentes, ministros e diplomatas, com a faculdade de assalariarem grandes nomes do fôro, subornar a justiça, iludir a lei, como é para ter uma grande compaixão, uma ternura fraterna pelos mesquinhos degredados que falsificaram a corôa, falsificaram a cédula, e estão a comer o pão que o diabo amassa! As suas burlas não abalaram a economia nacional nem causaram danos irreparáveis aos particulares. Ao pé dêstes, ao pé de Napoleão, que também inundou de notas falsas os países com quem manteve guerra, merecem o perdão de republicanos e talassas.

De parte dos senhores do Angola e Metrópole, mais que a audácia, mais que o génio de maquinação, o que mais fere é o cinismo diabólico com que cavavam a ruína da terra que lhes deu o sêr, da pátria, que não é uma convenção política, apenas, mas uma realidade moral, pois é a jazida de nossos pais, é o nosso berço e de nossos filhos, é a luz, o solo, a língua próprios, valores que calam até na alma mais sinistra dum presidiário. Aonde nos arrastariam, se lhes houvesse ficado o pulso livre? Ao desprestígio, à tutela estrangeira, ao arresto das colónias? Os trinta dinheiros de Judas ao pé desta montanha de papel-moeda são irrisórios em tudo.

A bem dizer, estas personagens de alto coturno são figuras representativas duma época, batida pela febre do gôso e da satisfação pessoal, sem fronteiras no campo da consciência, nem freios sociais ou morais que os possam reger. Cravaram dentes e unhas nesta terra pobre, exausta, envilecida, como a vêrmina num mendigo dos caminhos. A estupidez, a comodidade, a conivência, o suborno permitiam-lhe um regabofe à farta. Quando uma nação se entrega inânime e apática à voracidade dos aventureiros, todos os maus preságios se podem tornar em catástrofes com dias contados. E se o grosso da política se conjurasse para encobrir, como um pinhal, tal ordem de crimes, que admiração que se viesse a ouvir o *Ça ira* ou o *Hino da Carta*?

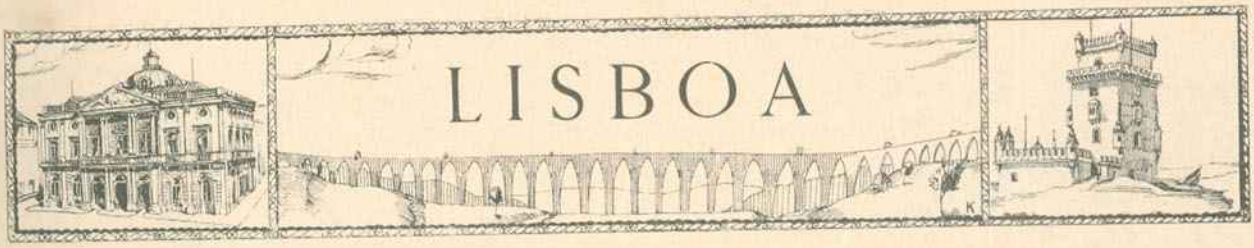
14-XII-25

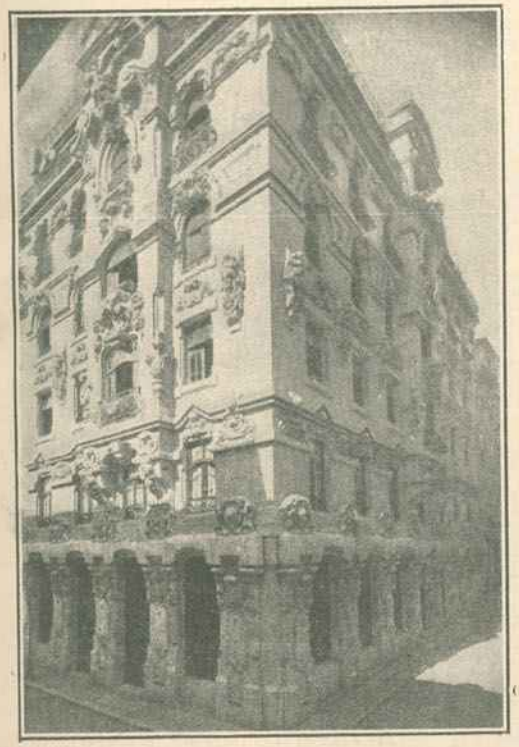
AQUILINO RIBEIRO

* * *

DR. JOSÉ DE FIGUEIREDO

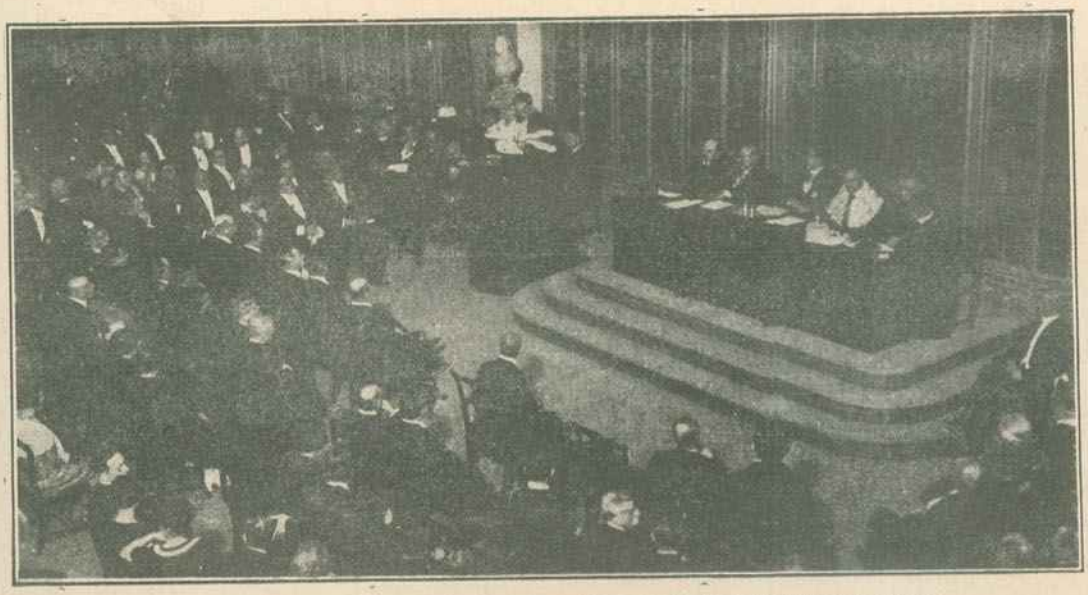
Conta a ILUSTRAÇÃO com a amisade do eminente crítico de arte e director do Museu Nacional de Arte Antiga, o Ex.mo Sr. *Dr. José de Figueiredo*, para colaborar nesta revista e lhe facultar os preciosos elementos de que dispõe. Num dos próximos números teremos ocasião de nos referir à obra do ilustre benemérito da *Arte Portuguesa*.





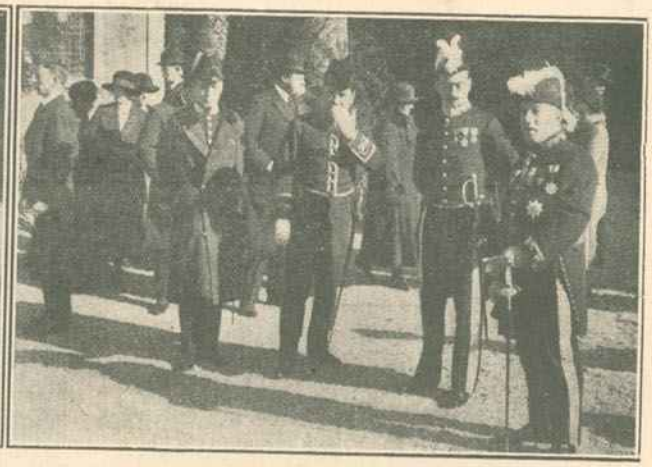
Sêde do «Banco de Angola e Metrópole»

O Sr. Waterlow e peritos que vieram a Lisboa examinar as notas de 500 escudos com a efígie de Vasco da Gama



Academia das Sciências de Lisboa. — Sessão solene comemorativa do 1.º centenário da «Réegia Escola de Cirurgia»

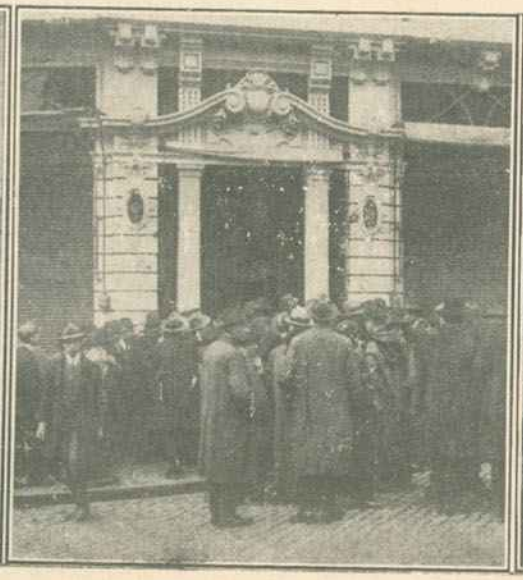
No Palácio de Cristal — *Quermesse beneficente* — Grupo de gentis «vendeiras»



As exequias por alma da Rainha Alexandra na igreja evangélica — Alguns dos cônsules que assistiram à cerimónia

No Palácio de Cristal — *Quermesse beneficente* — Grupo de senhoras na barraca das flores

O Banco de Angola e Metrópole — A policia está de guarda e de ouvido à escuta dos comentários



O Banco de Angola e Metrópole — O público assistindo ao encerramento das portas da casa de câmbios de José Pinto da Cunha, Sobrinho

O Banco de Angola e Metrópole — Em frente da agência do Banco de Portugal à espera de trocar os «Vascos»

A pequenina cidade de Leiria, classificada oficialmente como terra de turismo, tem, efectivamente, tôdas as condições para se converter num centro de atracção de nacionais e estrangeiros. Ponto forçado de passagem para a Batalha — o nosso mais venerando e magnificente padrão artístico do passado — bem merece Leiria que a acarinhem tanto mais que, independentemente do histórico mosteiro, que lhe fica próximo, ela algo possui de muito interessante para prender a atenção do viajante curioso: o castelo, que é admirável, o museu, a biblioteca, alguns templos, e a famosa mata, nos Marrazes. O que é para desejar é que aos esforços do Município para beneficiar a graciosa cidadezinha do Liz corresponda o auxílio doutros elementos cuja fortuna bem poderia aproveitar ao desenvolvimento da encantadora terra onde um dos nossos maiores escritores — Eça de Queirós — foi colher scenários e figuras para o mais genuinamente português dos seus romances. O insigne estilista, foi, durante algum tempo, antes da sua entrada na carreira consular, administrador de concelho de Leiria.

Vista geral de Leiria

Capela dos Clérigos (Capela Nova)

▪ ▪ ▪

CAPELA DOS CLERIGOS
(CAPELA NOVA)

Vila Real, capital de Trás-os-Montes, não vale apenas — o que seria já muito — pelos seus formosíssimos arredores em que à majestade das montanhas se aliança, como que adoçando-a, a suavidade idílica dos vergéis. A arquitectura e a antiguidade dos seus monumentos emprestam-lhe um encanto especial e uma *patine* de forte cunho português. A Capela dos Clérigos (Capela Nova), defrontando com a Rua Central, é, certamente, um dos mais belos. A obra de talha que doira os seus altares e as ricas alfaias e paramentos que constituem o recheio dos seus arcazes, representam um notável espólio artístico.

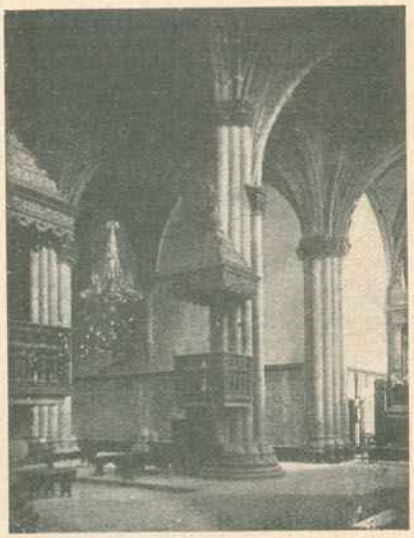
▪ ▪ ▪

INTERIOR DA SÉ DE VISEU

Viseu, cidade antiquíssima, berço de algumas das mais belas figuras da nossa história — D. Duarte, o cronista Fernão Lopes, Grão Vasco, João de Barros, o autor das *Décadas*, entre outros — é das que mais têm progredido nos últimos tempos para o que muito contribuiu a construção do ramal de Viseu e da linha do Vale de Vouga. A construção doutras linhas, cuja urgente necessidade se impõe, permitirá à velha cidade um desenvolvimento que, sem êsses recursos, é impossível. Da Sé de Viseu reproduzimos acima um aspecto interior.

A sua abóbada, que conta quatro séculos e está intacta, é verdadeiramente notável, assim como merece ver-se o formoso cadeirado da sua capela-mór. Anterior à fundação da monarquia, sofreu a Sé de Viseu, pelo menos sete reconstruções, sendo lamentável que a antiga fachada gótico-manuelina, desmoronada em 1635, tivesse sido substituida, na reconstrução levada a efeito pelo cabido em 1640, por uma fachada que destôa das linhas severas do monumento.

O museu Grão Vasco que lhe fica anexo guarda grande número dos preciosos paramentos que constituiam uma bôa parte da sua riqueza artística.



Interior da Sé de Viseu

O REFORMATÓRIO DE FIEL
(CASTELO BRANCO)

O pequeno orfelinato fundado em 1852 por fr. Agostinho da Anunciação no Casal da Pelota, destruido por um incêndio em 1858 logo depois reconstruido, só em 1873 passou às mãos da Companhia de Jesus, que, convertendo-o em Colégio de S. Fiel, o administrou até 1910. A Escola Industrial de Reforma, ali criada pela República, mudou recentemente de designação, passsando o estabelecimento a chamar-se Reformaatório de S. Fiel, onde são internados menores delinqüentes e em perigo moral. Estão ali, actualmeente, oitenta, devendo destacar-se a cuidadosa e inteligente direcção que lhe imprime o sr. dr. Ramos Preto. O Reformatório, assente num contraforte da Gardunha, está circundado de pomares e hortas, sendo excelentes as suas condições higiênicas.

Reformatório de S. Fiel (Visto do lado do sul)

DESPORTOS

Quis a *Ilustração* honrar-me entregando-me a direcção da sua secção desportiva.

Confesso que acedi a êste convite com o receio natural que sentem todos aqueles que pela primeira vez escrevem para uma revista, que sem dúvida será lida pelo grande público e que creio estar destinada a obter o maior dos sucessos.

O desenvolvimento progressivo dos *Sports* em Portugal e no Estrangeiro levaram a direcção desta revista a criar a sua secção desportiva, onde procurarei informar os leitores de a *Ilustração* do movimento desportivo em Portugal e de todos os principais acontecimentos do Estrangeiro.

Tratando-se de uma revista moderna com uma orientação bem definida, e na qual todos os assuntos são tratados de uma maneira geral, não me alargarei em críticas e estudos aprofundados sôbre assuntos desportivos.

Procurarei fazer a propaganda desportiva que a todos interessa hoje, de uma maneira geral, ilustrando-a com as pequenas notícias que escreva sôbre os acontecimentos da última quinzena.

Não pertenço a nenhum Club ou Associação desportiva mas nem por isso me deixo de interessar por todos os assuntos de *Sport*.

Tenho acompanhado de perto a evolução dos *Sports* em Portugal nestes últimos anos.

Os progressos que se realizem dentro dos vários ramos desportivos, bem como uma propaganda intensa e bem orientada, são factores que muito podem contribuir para o desenvolvimento dos desportos.

Não é pois nem crítica nem estudo o que pretendo fazer aqui nestas colunas, mas apenas informar os leitores da *Ilustração* de uma maneira que a todos possa interessar.

José de Mello Breyner.

A égua Whitby do Sr. Conde de Pinhel

O JOCKEY CLUB

As corridas de cavalos realizadas em Junho e Novembro dêste ano no magnífico campo de corridas do Jockey Club constituíram um verdadeiro acontecimento nos meios desportivos.

Lisboa, cidade moderna, ressentia-se da falta de um campo de corridas de cavalos, sendo pois digna do nosso aplauso a iniciativa do Jockey Club.

As instalações do Campo Grande não estão ainda concluídas e muito falta ainda fazer, para que o novo hipódromo tome as proporções de grandeza que sabemos estarem projectadas.

Mas assim mesmo a obra do Jockey Club é já grande e representa um grande esfôrço da parte dos seus organizadores.

▪ ▪ ▪

O NOVO ESTÁDIO DAS AMOREIRAS

O novo Estádio das Amoreiras é obra do Sport de Lisboa e Benfica, um dos clubs mais antigos da capital e que tantos serviços tem prestado à causa desportiva.

O realizar-se hoje em dia uma obra destas, representa um arrôjo e um espírito de iniciativa muito notável, que honra deveras o velho Club que tantas simpatias conta nos meios desportivos.

Assistimos à inauguração do Campo das Amoreiras e devemos dizer que nos deixou a melhor impressão a-pesar-do muito que ainda há a fazer.

Uma vez executado o projecto completo, que já tivemos ocasião de apreciar, o Estádio das Amoreiras ficará sendo o melhor do País.

A instalação dos peões é sobretudo muito interessante, tendo sido bem aproveitado o relêva natural do terreno.

Felicitando vivamente o Sport de Lisboa e Benfica, juntamos as nossas saüdações a Gomes Damião, a alma do Club que impulsionou a construção do novo-Estádio.

Pedro Ferechtanoff

▪ ▪ ▪

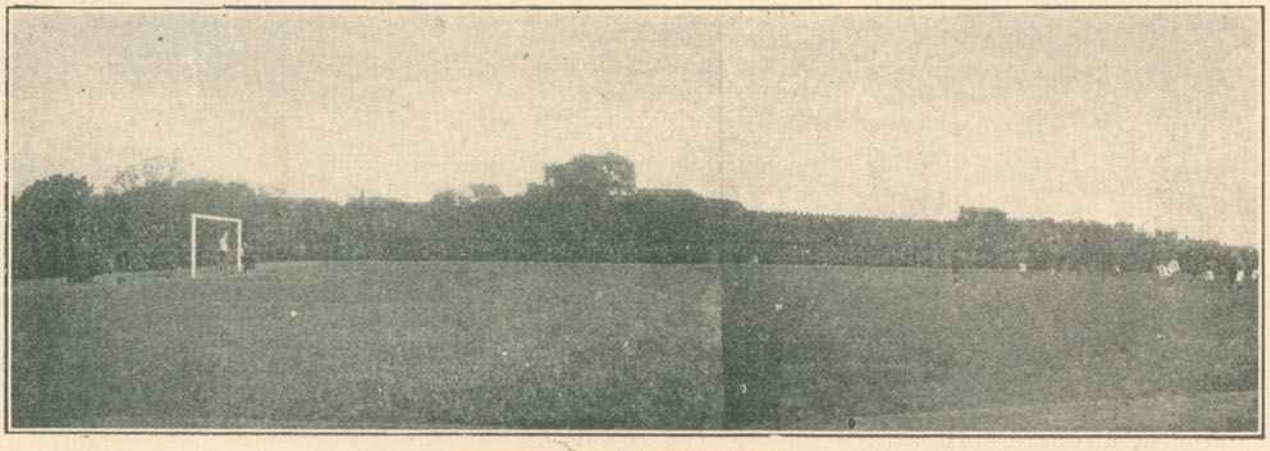
UM ATLETA DESCONHECIDO

Pedro Ferechtanoff é o nome de um jovem Búlgaro com menos de 22 anos e cuja aparição em Paris fez grande sucesso ultimamente.

As suas proezas atléticas são tôdas bastante originais, mas uma houve entre elas que provocou grande sensação e da qual reproduzimos hoje uma fotografia.

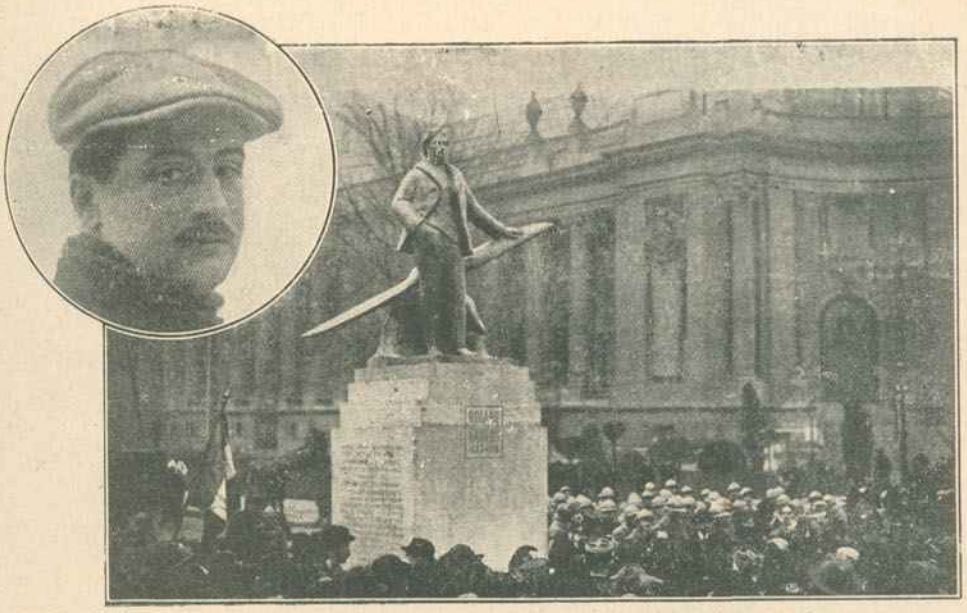
Consiste em levantar uma plataforma pesando 300 quilos e suportando um automóvel de 10 C. V. carregado com 10 pessoas, o que representa a bagatela de 2000 quilos.

Êste fenomeno diverte-se também de vez em quando em torcer barras de ferro com 20mm de diâmetro sôbre a cabeça e de 14mm entre os dentes.



Aspecto do novo campo de foot-ball das Amoreiras

ESTRANGEIRO



O último retrato de Garros e inauguração em Paris, nos Campos Elíseos, do monumento ao célebre as da aviação francesa morto na guerra

O Sr Henri Berenger, novo embaixador da França em Washington

O grande escritor inglês Rudyard Kipling, que se encontra gravemente enfêrmo

Paris — O professor Joseraki dando a sua primeira lição na Escola Superior de cosinha

Paris — O público em bicha à à porta do estanco de tabaco, antes da subida de preço

SOCIEDADE ELEGANTE

Ex.ma Senhora Condessa das Alcáçovas

A noiva

O noivo

Os Senhores Condes das Alcáçovas e seus catorze filhos e genro

CASAMENTO ARISTOCRATICO

No palácio Rio Maior, a Santo Antão, realizou-se no dia 2 de dezembro o casamento da Ex.ª Sr.ª D. Maria de Lancastre, filha dos senhores Condes das Alcáçovas, com o Ex.mo Sr. Alexandre de Almeida Garrett. Festa íntima em que se aliaram dois nomes ilustres, e a que concorreram apenas os parentes mais próximos.

Com os retratos dos noivos, honra-se esta página publicando a fotografia da Senhora Condessa das Alcáçovas, D. Maria Tereza de Saldanha d'Oliveira e Sousa, Dama de S. M. a Rainha, uma das figuras de maior relêvo da aristocracia portuguesa, «par droit de naissance et de conquête».

No timbre das armas que usa — pelo seu casamento com D. Caetano Henriques Pereira de Faria Saldanha e Lancastre, antigo Par do Reino, Oficial Mor, e Aposentador Mor da C. R., Conde e 14.º Senhor das Alcáçovas, — sangra-se o pelicano num admirável símbolo do que tem sido a norma de vida desta nobre Senhora, em quem se encarnam na harmoniosa e suave distinção de uma antiga raça, tôdas as virtudes e qualidades de espírito da «Senhora Portuguesa».

A assistência ao casamento no jardim do palácio

AS Corridas DE Cavalos NO JOCKEY CLUB DO CAMPO GRANDE

No *pesage*

Um aspecto da assistência

A Senhora D. Sofia de Lencastre (Louzã) e D. Alfonso Fisco Witch.

Um dos assistentes às corridas...

Outro aspecto da assistência

CÔRES E SILHUETAS MODERNAS

MODA! — capricho dum instante que a mais branda aragem da fantasia deturpa, contorce, transforma, utilizando-o em mil modalidades scintilantes de originalidade, de inédito, de... excentricidade...

Moda! — feiticeira tentadora e absorvente que nos fascina escravizando a razão e o critério à versatilidade irrequieta do seu espírito conceptivo, à liberdade audaciosa das suas visões estéticas...

Um movimento subtil da sua varinha mágica é suficiente para derrubar num minuto as mais exaustivas combinações, as mais radicadas convicções de elegância e *chic*. Oh! de bem pouco carece a Moda para modelar e metamorfosear instantâneamente as silhuetas caprichosas e contraditórias gisadas pela sua insaciável ânsia de ineditismo, de imprevisto, de novidade, enfim! E é mercê dessa impenitente volubilidade, que êste ano nos surge completamente modificada a linha da *toilette* feminina.

Os decretos da moda impõem-nos, desde há meses, os *godets*, as pregas, os franzidos, a roda francamente admitida nas saias. Mas essa roda, ao contrário do que ainda há pouco estava assente, não se acumula na frente dos vestidos, mas sim em tôda a volta e, principalmente, atrás, como se vê num dos modelos que publicamos.

Como côres proclama-se a voga de tôda a poética gama da côr rôxa, desde o tom passa de Corinto até ao violeta, passando pelo tom rubi cendrado, *bordeaux*, bôrra de vinho, etc. Mas há uma côr nova que segundo tôdas as probabilidades marcará no mundo da elegância: a *côr sol de inverno*.

Entretanto, as senhoras que não quiserem seguir na vanguarda da moda, poderão escolher prudentemente as suas *toilettes* a dentro da escala dos castanhos desde o *tête de nègre*, fôlha morta, etc., até ao beige rosado tanto em favor não só para vestidos como para *manteaux*.

Estes, como se vê nos modelos que publicamos, perderam a amplidão que os caracterizava nas estações transactas e são êste ano tanto quanto possível ajustados ao corpo, moldando discretamente a linha do corpo e alargando bruscamente para a parte inferior graças aos *go-*

dets incrustados, aos fôlhos e pregas que os guarnecem modelando-os na silhueta moderna que as fartas golas muito levantadas na nuca, mais acentuam ainda.

▪ ▪ ▪

AS GOLAS

As golas e guarnições dos decotes são agora tratadas com excepcionais atenções.

Como se vê nos *croquis* juntos, impera o critério de se dar à gola o aspecto de *draperie* disposta negligentemente, simulando-se uma *écharpe* que se ata em volta do pescoço, de qualquer maneira, que imprima na toilette uma nota de discreta originalidade. Umas são atadas atrás, outras na frente, sôbre o ombro, etc. Uma disposição interessante é a que junta duas *écharpes* estreitas, de igual comprimento, prendendo-as nas costas do decote do vestido. Uma das pontas dessa *écharpe* dupla, segue a linha de decote e rodeia o pescoço enquanto que a outra, caindo pelas costas, é erguida graciosamente pelo braço esquerdo onde fica segura no pulso. Esta disposição concorre poderosamente para transformar instantâneamente, vincando a nota feminina, um vestido de pequena reunião já conhecido, mas que não fixa as atenções nos enfeites. Um vestido de veludo ou setim preto assim ornamentado será dum *chic* irrecusável.

▪ ▪ ▪

CHAPEUS

As fôrmas pequenas simples triunfam sempre. Baldadamente se pretendeu destroná-las com a reaparição das grandes *cloches* e dos chapeus de dimensões médias. O pequeno feltro, a *coquette* fôrma de veludo ou *panne*, entrando bem na cabeça a emoldurar graciosamente o rosto, são por agora, o género de *chapeus* preferido. As guarnições, duma sobriedade inteligentemente estudada, admitem apenas uma simples fita *gros grain* em volta da copa, uma cocarde ao lado, uma laçada sobrlamente disposta, uma qualquer fantasia de fita, e, num ou noutro modêlo da grande toilette, um discreto *paradis*.

O que é preciso é que o todo do chapeu marque uma linha juvenil que só a simplicidade do conjunto e a parcimónia dos enfeites podem garantir.

COMO TRATAREMOS OS MOVEIS RISCADOS OU DESPOLIDOS

Eis um verniz excelente para restituir aos móveis riscados ou despolidos o primitivo brilho, tornando-os reluzentes como novos. Limpa-se primeiro o móvel com um pedaço de flanela embebido em óleo de linhaça ou álcool e em seguida aplica-se com um pincel macio o verniz seguinte que se prapara em banho-maria. A operação é um pouco morosa mas de seguros resultados

Mistura-se bem, — em banho-maria — um litro de aguardente de vinho; 125 gramas de sandaraca; 62 gramas de goma laca; 62 gramas de mastique branco e 31 gramas de resina. Depois de tudo bem misturado tira-se do lume e junta-se — longe do fogo — 62 gramas de terebintina.

Os móveis envernizados em escuro limpam-se com um pedaço de flanela embebido em petróleo, enxugando-se bem em seguida.

As nódoas de tinta tiram-se da seguinte maneira: lava-se o móvel manchado com água quente e em seguida com água a que se adicionou ácido nítrico na proporção de 3 gôtas para uma colher de sôpa. Passa-se imediatamente com água fria e aplica-se o verniz ou a cera friccionando-se em seguida com uma flanela.

PENTEADOS

Os penteados... Simples, muito simples, tão simples que nem exigem o armado dos cabelos visto que o *mot d'ordre*, a despeito do clamor dos protestos platónicos erguido à volta dêste capricho da moda é — cabelos cortados.

Entretanto, não terminaremos sem revelar que as elegantes parisienses decretaram agora a *risca* ao meio da cabeça, apartando para os lados os cabelos tanto quanto possível alisados, em simulacro de bandós. Nada pois, de cabelos penteados para trás ou de risca petulantemente aberta ao lado: a soberana moda pronuncia-se pelos bandós... teóricos...

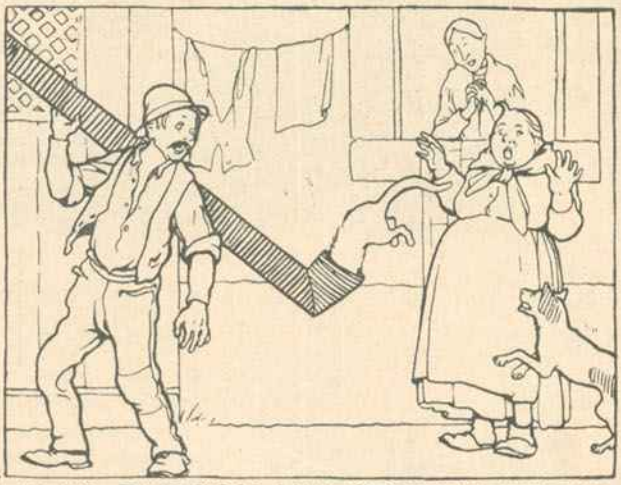
Há porêm um pormenor que nenhuma senhora elegante deve descurar: os cabelos cortados não se combinam com uma toilette de baile, o que obrigou os cabeleireiros a improvisarem uns pequenos *chignons* que se adaptam habilmente sôbre os cabelos curtos. E assim a mulher moderna descobriu a maneira de usar simultâneamente cabelos cortados e crescidos ..

ENSINEMOS AS NOSSAS CRIADAS A PASSAR ROUPA A FERRO

Passar roupa a ferro é operação que poucas criadas executam com perfeição. O primeiro requesito para que a roupa fique bem lisa e brilhante, sem essas desagradáveis rugas que freqüentemente aparecem na roupa *engomada* com pouco cuidado ou conhecimento, consiste na minuciosa preparação da tábua que deve ser forrada com critério, nem muito almofadada, — para que as arestas do ferro não imprimam na roupa vincos, — nem pouco vestida, — para que o ferro desmanche perfeitamente o rugado do tecido, premindo-o suavemente de encontro a um fundo macio mas resistente. Veste-se, portanto, a tábua com uma cobertura de baetilha felpuda, dobrada em duas faces sobrepostas, a qual se cose na parte posterior da tábua, deixando-a perfeitamente lisa e esticada. Sôbre esta cobertura veste-se uma outra de pano branco fino, cortada com o feitio da tábua, mas mais larga, para que possa voltar para a parte posterior, e munida dos dois lados de várias fitas de nastro cosidas a espaços iguais. Estas fitas são destinadas a atar, duas a duas, prendendo assim a cobertura do pano com facilidade.

PAGINA INFANTIL

TENDO SEU GATINHO BRANCO
A TIA ROSA... ESTAVA MUITO
BEM A FALAR COM A VISINHA



MAS PASSOU UM SERRALHEIRO...
COM O CANO DE UM FOGÃO...
E ATRAZ DELE VINHA UM CÃO...

E O CÃO SALTOU AO GATO...
E O GATO PULOU P'RA O CANO
E O CANO ESTAVA TODO SUJO

E O GATINHO SAIU PRETO!
A TIA ROSA MUITO TRISTE.
TANTOS BEIJINHOS LHE DEU...

QUE PAROU GENTE NA RUA P'RA SE RIR DA CARA D'ELA... E VER O GATO ASSANHADO! E TANTO SE RIRAM... TANTO. QUE AGORA NINGUEM A VÊ... ESTÁ EM CASA A TRABALHAR E TEM MUITO QUE FAZER

O DESLEAL CONSELHEIRO

senhor, que entrou de repelão no gabinete onde rellectia a sono sôlto o director da gazeta de grande circulação, merecia sem favor que o mirassem com certo pasmo, pois vinha completamente nu, arrastava-se sôbre umas muletas, não tinha dentes nem cabelo e contavam-se-lhe os ossos através duma pele coberta das mais variadas e repugnantes inflamações e borbulhas.

Sentou-se com dificuldade numa poltrona e declarou secamente o seguinte:

— «Há já não sei quantos anos venho sendo enganado cínica e diariamente por um amigo em quem depositava a máxima confiança. Imagine V. Ex.ª que herdei de minha família alguns bens de fortuna, uma saúde robusta e várias outras condições para ser feliz. Durante muito tempo vivi como me aprouve e dei-me optimamente. Um dia chegou, porém, em que, não me lembro a propósito de quê, tive uma hesitação e deliberei pedir um conselho. A quem devemos pedir conselhos? Aos inimigos? Aos indiferentes? Evidentemente, não. Os amigos é que estão indicados para essa como para outras muitas ocasiões e eu tinha um em que me parecia poder confiar. O primeiro conselho não tinha grande importância. Mau foi que eu criasse o hábito e, daí por diante, não desse um passo sem consultar o tal amigo. O celibato começava a pesar-me. O remédio que os Bons Costumes indicavam era o matrimónio. Com quem? O meu amigo respondeu-me que na rua Tal, número tantos, assistia uma senhora ainda nova, de esmerada educação, com alguns meios de fortuna e desejando consorciar-se com cavalheiro em iguais circunstâncias. Procurei a senhora e casei-me. Afinal, não tinha vintem, era malcriadíssima, dum génio abominável e dum comportamento que não classificarei. Tive que divorciar-me e, ficando só, deliberei tomar uma criada séria, sabedora de cozinha e arranjos de casa. O meu amigo deu-me logo a morada de várias e, tendo experimentado tôdas, reconheci que tôdas eram de porte desregrado e tão hábeis como eu em artes culinárias. Fiquei com a casa em desordem e o estômago arruinado. O meu amigo garantiu-me, a propósito, que certa especialidade farmacêutica era infalível para a cura do meu avariado interior. Tomei-a, insisti e arranjei uma esplêndida úlcera no bofe. A fim de me distrair um pouco, lembrei-me de me meter em negócios. Logo o meu amigo me indicou vários cavalheiros que, para desenvolverem suas indústrias de lucros fabulosos e garantidos, apenas aguardavam com certa impaciência a ajuda dum capitalista. Distribui o meu dinheiro por vários lados e em breve fiquei a pedir esmola.

Podia estar três horas — que digo eu? três dias ... — a enumerar-lhe os pérfidos conselhos que eu teimava em aceitar do tal meu amigo. Indicava-me, como eficaz, uma loção para o cabelo? O resultado era êste: ficar careca como a palma da mão. Certa pasta dentífrica que me gabava com insistência fez-me cair os dentes que tinha e alguns postiços que mandára pôr. Precisava dum sobretudo? O meu amigo apregoava que não havia como o alfaiate Fulano para fabricar êsse género de abafo e da melhor qualidade. Pois, a primeira carga de água, o sobretudo resultava como se houvera sido talhado em serapilheira grossa e forrado de casca de cebola podre. Garantiu-me que determinada estação de cura era soberana para certas dôres que me arreliavam. Vim de lá meio paralítico e em muletas. Uma pomada, que, segundo êle dizia, era a última palavra para impingens, pôs-me a pêle como está vendo: um perfeito mapa dos Balkans depois do tratado de Versailles. Se queria ir ao teatro e lhe preguntava que espectáculo devia escolher, recomendava-me todos nos mais bombásticos termos. Todos eram êxitos notáveis, sucessos sem precedentes e, quando eu escolhia um ao acaso, visto qualquer ser excelente, vinha de lá ou meio idiota ou em estado catalêptico. Resumindo: há anos que êsse amigo me vem enganando dia a dia e me reduziu ao descalabro físico e à miséria financeira em que tenho o desgôsto de me apresentar perante V. Ex.ª...

* * *

O director da importantíssima gazeta conseguiu preguntar por fim:

— «Mas que tenho eu com isso, caro senhor? Porque se não queixa ao grão-visir da polícia, ou não parte suavemente a cabeça a êsse amigo dos c diabos»?

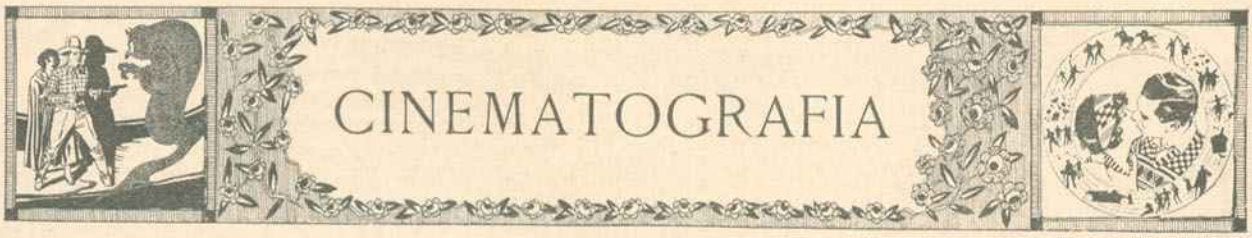
— «Porque não posso. Êsse cavalheiro dos infernos é o jornal de V. Ex.ª...

— «O meu jornal?

— «Sim. Quando eu era pequeno, se ouvia meus pais contarem um caso extravagante que excedia a minha imaginação e do qual me permitiaia duvidar, diziam-me severamente: — «Vem no jornal!» E, assim, fui crescendo na ingénua convivicção de que tudo quanto corre impresso nas gazetas é a simples expressão da Verdade. Podiaia lá supor que a Imprensa se prestasse a ser cúmplice de senhoras de esmerada educação, de fabricantes de pastilhas venenosas, de cavalheiros de indústria, de algibebes de maus sobretudos, de vendedores de elixires avariados e dos trinta mil trampolineiros que abundam neste mundo para desgraça dos ingénuos como eu?!! Pelo contrário: fiz do seu jornal o meu amigo de tôda a confiança. De-mais-a-mais tem quási o dôbro da minha idade. Devia sobrar-lhe a experiência para me aconselhar. E afinal enganou-me!... Enganou-me todos os dias e sabe Deus a quantos outros terá enganado também! Que me resta fazer agora?

— «O mesmo que eu faço, respondeu plácidamente o director da gazeta. Nunca ler jornais, e principalmente o meu...

André Brun.

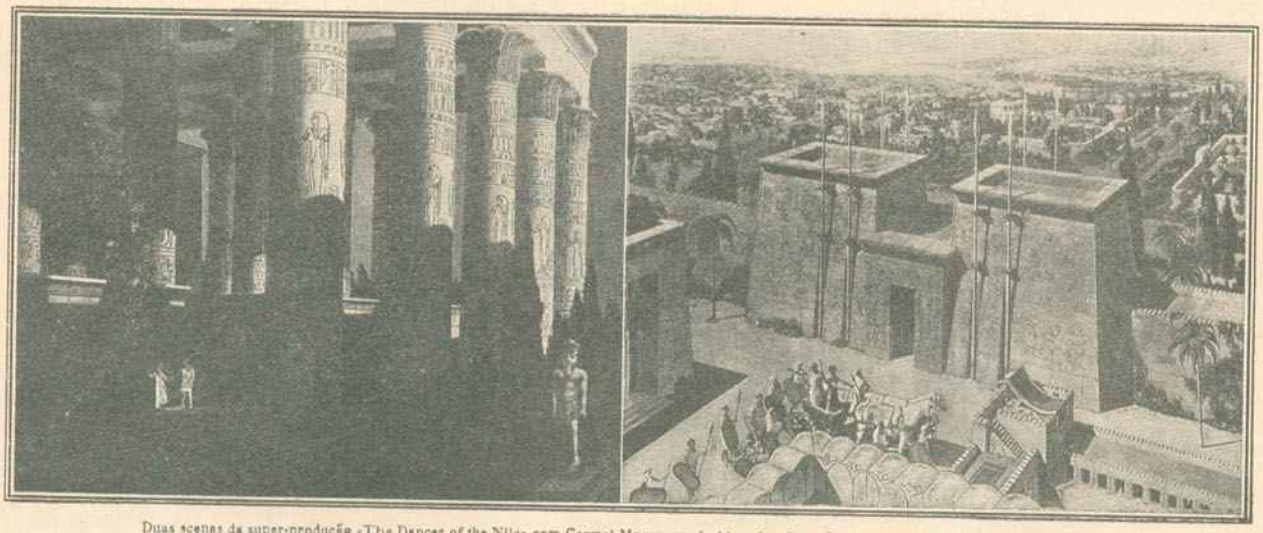


ILUMINOU-SE o écran! Onde há pouco estava um rectângulo de branco sujo, anódino e antipático afinal, surge agora um deslumbramento: e são as trágicas elançadas, serpeando como ondinas, dizendo com o seu corpo, o afilado das mãos patrícias e os olhos de sonho, tôda a voluptuosidade, a dôr e a gama inteira de emoções do amor, da paixão e do ódio; são os homens varonilmente belos, de belos biceps de lutador ateniense que voam, numa rajada de fúria, por sôbre o mundo inteiro, afrontando tempestades e infâmias, na luta por uns olhos belos, são os *dancings* e os *jazz-band* de todos os cabarets, os monumentos de tôdas as cidades, as feras e os selváticos homens de tôdas as selvas, são tôdas as alegrias, tôdas as amarguras e tôdas as idades da terra que se escoam diante de nós, devoradas por nós, num prazer insatisfeito sempre. O cinema forneceu-nos tôdas as emoções possíveis, acenando-nos com elas, para lá do buraco luminoso que, repentinamente, se abriu onde estava até ali um pedaço de pano de um branco sujo. Que diferente é hoje a cinematografia, daquele infantil tactear de há meia dúzia de anos, as palhaçadas de um policia de bigode de estôpa em cima de um andaime fingido, as vistas trepidantes de países sensaborões, os contos da carochinha com scenário de papel e maquinaria de carpinteiro!

Em alguns anos apenas, a arte mais jovem, tornou-se a indústria artística de maior alcance. Os filmes primitivos estenderam-se, alastraram, enriqueceram e hoje o quantitativo de ouro empregado na indústria cinegráfica em todo o mundo, atinge umas culminâncias, que põem esta indústria artística à cabeça da lista, logo abaixo do comércio do trigo. O filhito traquinas de Charles Lumière, impera no mundo inteiro e marca o seu lugar. Em Portugal, onde a covardia do capital e a desfaçatez dos traficantes impedem tôdas as tentativas, bom é que haja, ao menos, uma limpa resenha de tanta beleza que vai por êsse mundo fora!

Atenção... iluminou-se o écran!

NORMA TALMADGE, esposa do encenador Joseph M. Schenk, sob a direcção do qual trabalha para *United Artist*. O boato de que o marido da grande trágica iria chefiar os «studios» de *Metro Goldwyn*, fez pensar na fusão das grandes firmas.



Duas scenas da super-produção «The Dancer of the Nile» com Carmel Myers, produzida sob a direcção artística do português Xavier Machado

Jackie Coogan, o favorito de todos os públicos», que abandona temporàriamente o écran para completar a sua educação.

Eleanor Boardman, uma das rainhas da moda no écran, no seu último filme «Proud Flesh»

Eleanor Boardman e Harrisson Ford, num tango típico na sua última produção para a *Metro*

Uma «espanholada»... americana. Romeu e Julieta ...em Hollywood

* * *

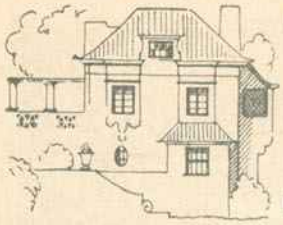
A «Grande Opera de Paris» abriu as suas portas a cinematografia... francesa. Por determinação do govêrno e com a assistência do Presidente da República, foram projectadas duas películas de grande categoria «Le Miracle des Loups» de H. Dupuy-Mauzel e «Salambô» de Gustave Flaubert.

* * *

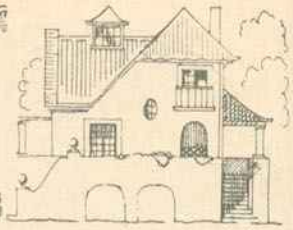
A «Universal Pictures Corporation» que, para produzir «Nôtre Dame de Paris» de Victor Hugo, fez construir nos seus «studios» a célebre catedral, juntamente com o bairro que a rodeava na Idade Média, produziu logo a seguir a novela de Gaston Leroux «O Fantasma da Ópera», para cuja filmagem construiu também em Les Angeles o edifício da «Grande-Ópera de Paris» com todos os seus detalhes preciosos, sala, dependências e a sua célebre série de subterrâneos. Estas duas gigantescas produções tiveram como protagonista o mesmo actor, Lon Chaney, que produzirá a seguir e para os mesmos editores o filme «O homem que ri» de Victor Hugo.

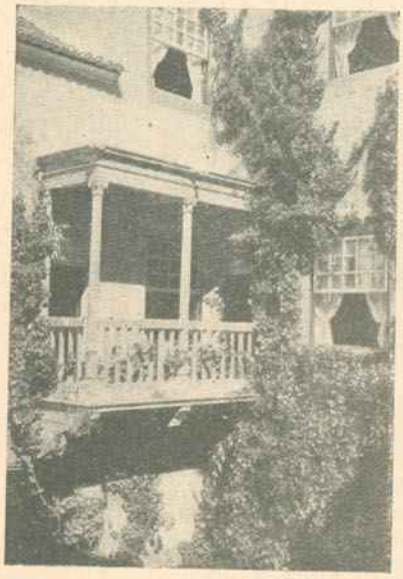
Francesca Bertini, «a divina», que deteve a hegemonia entre as trágicas, hoje retirada dos «studios»

Dorothy Devore a intrépida protagonista de «Hold Your Breath», numa das mais arriscadas scenas dêsse grande filme



A CASA PORTUGUESA



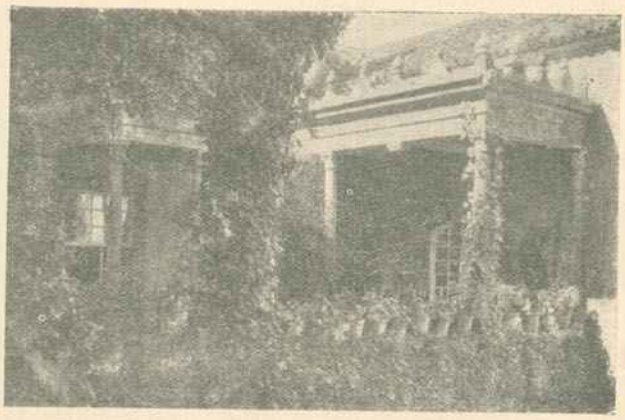


A UM CANTO DO PÁTIO ESTÁ SUSPENSO ÊSTE DELICADO BALCÃO QUE A GRAÇA DAS TREFADURAS ROMANTIZA.

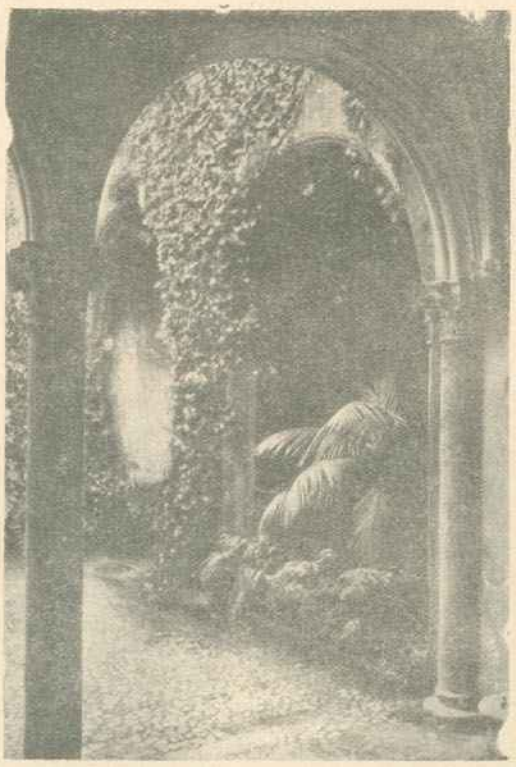
No movimento que se está dando na sociedade portuguesa em sentido de uma vida mais civilizada, é sintoma importante e consolador o crescente interêsse pela casa de habitação. Vai longe o tempo em que a maioria das famílias se contentava de viver em casas destituídas de confôrto e tam divorciados de preocupações estéticas que quaisquer quatro paredes nuas e um tecto estucado constituíam—com uma mobília de Viena—aposento condigno da sua vida completamente alheada dessa riqueza espiritual que é a aplicação da Arte a tudo o que nos cerca. «Os portugueses têm olhos de pau»—é a bem conhecida diatribe que a nós mereceu esta indiferença pelas Artes plásticas; por isso constatamos com entusiasmo a aceitação que por parte do público vai tendo tudo o que se prenda com a Arte aplicada e, em especial com a estética da habitação.

Esta revista publicará em todos os números uma página dedicada à casa portuguesa, reproduzindo exemplos de interêsse, quer de construções antigas, quer de obras recentes. Exteriores e interiores; arquitectura decoração e mobiliário—tudo o que mereça reproduzir-se será aqui tratado carinhosamente para gôso e estímulo de amadores e, em geral, para satisfação de todos os que tiverem *olhos de ver*.

RAUL LINO.



AS SÁLAS ABREM PARA O EIRADO E DE TAL MODO SE CASAM COM AS ARTÍSTICAS LATADAS, QUE NÃO RARO SE ENGANAM OS PASSARINHOS VOANDO PARA O INTERIOR DA HABITAÇÃO.



DELICIOSA VIVENDA NA BELA SINTRA, FOI NOS HIGÁRNIAS E DATA A SUA CONSTRUÇÃO DE 1534. EXEMPLAR PEREGRINO DA NOSSA ARQUITECTURA DO RENASCIMENTO, DEVE ATRIBUIR-SE À INCLUÊNCIA, SE NÃO À AUTORIA, DO MESTRE NICOLAU CHAITERENE. ESTEVE NA POSSE DO GRANDE MARQUÊS DE POMBAL E DE SEUS DESCENDENTES; HOJE É PERTENÇA DO IMPORTANTE INDUSTRIAL SR. ALFREDO DA SILVA, QUE CONSERVA ESTA JÓIA COM TODO O CARINHO. A HABITAÇÃO ESTÁ DISPOSTA EM TRONO DO LINDO PÁTIO QUE NO SEU PISO INFERIOR COMUNICA COM O ÁTRIO DA ENTRADA. ESCADA, COLUNAS, ARCOS, ABOBADAS—TUDO ESTÁ FINAMENTE DELINEADO E ESCULPIDO, CONSTITUINDO O RETIRO MAIS DELICIOSO E SURPREENDENTE QUE SE POSSA IMAGINAR NUM CLIMA COMO O DE SINTRA.

A SALA DE JANTAR É ENRIQUECIDA AO FUNDO POR UMA FORMOSA «LOGGIA» ABOBADADA. A PRECIOSA FONTE DE MARMORE ALABASTRINO E O SUSURRO DA SUA LINFA ACOMPANHA DISCRETAMENTE A PALESTRA DOS CONVIDADOS À HOSPITALEIRA MESA.

A MORTE E A RESSURREIÇÃO DA TERRA

Acredita-se, em geral, que a Terra vai resfriando de século em século, devendo chegar a ponto de não oferecer possibilidades de vida aos sêres mais simples e menos exigentes. É profecia que tem sido vulgarizada, entre outros, por Flammarion e por Wells. Êste grande escritor inglês, imaginando um maquinismo, capaz de nos transportar indiferentemente ao mais remoto passado e ao mais longinquo futuro, mostra-nos a Terra nascendo para a vida, e a Terra em decrepitude mal sustentando já uma vegetação e uma fauna escassas e raquíticas. A vida terminaria à superfície da Terra gelada, como se tem dito que terminou na Lua, seu gelado satélite.

A descoberta da rádio-actividade veio lançar dúvidas sôbre doutrinas que corriam sem contestação. M.me Curie, quando, há 27 anos, revelava a existência de substâncias fortemente rádio-activas, não imaginou, por certo, que um grama de rádio, metal que depois conseguiu isolar, alcançasse o preço de cêrca de mil contos: mas decerto não imaginou também, de começo, tôdas as interessantes conseqüências de ordem scientifica que iam derivar da sua descoberta.

O alto custo do rádio não indica que se trata duma substância rara, mas sim duma substância extremamente difundida. As despesas de extracção são enormes, por ser necessário tratar muitas toneladas de minério para se obterem pequenissimas quantidades do precioso metal. Actualmente, em todo o mundo, há apenas uns 300 gramas de rádio, pela sua maior parte em hospitais e institutos que o aplicam na terapêutica, principalmente no tratamento do cancro.

São bem limitados os pontos do nosso globo onde existem minérios que a indústria possa aproveitar para a extracção do rádio. No entanto, êste metal e outras substâncias rádio-activas existem difundidas por tôda a massa sólida da Terra. Conhecem-se cêrca de cincoenta dessas substâncias, cujos tipos principais são o rádio, o actínio e o tório, que se mantêm em constante trabalho de desagregação, o que importa, naturalmente, uma constante produção de calor.

De facto, tinha-se notado que a Terra perde continuamente certa quantidade de calor. Viu-se depois que essa quantidade de calor perdido é sensivelmente igual à que deve produzir a desintegração das substâncias rádio-activas difundidas na massa sólida da Terra, supondo que aquela tem a espessura de 48 km., que Strutt lhe atribuiu.

Se assim é, se em tôda a massa sólida da Terra se realizam fenómenos de rádio-actividade, não se compreende que fenómenos semelhantes se não efectuem no núcleo central do Planeta, sob temperaturas, pressões e estados químicos diferentes. E é então possível que, em

Madame Curie no seu laboratório da Sorbonne

certas fases de evolução da matéria constituinte dêsse núcleo central, haja uma tal produção de calor, que, por efeito dela, se criem no Planeta condições análogas às que nós julgamos terem existido na fase que precedeu a sua fase actual, quando a terra era uma bola de fogo girando em tôrno de uma outra de maiores dimensões, a ignea esfera solar. Se êste é o futuro da Terra, a vida perecerá no fogo, como ao soar da trombeta do anjo do Apocalipse.

Começaria então novo ciclo da vida da Terra. A sua periferia, pouco a pouco, iria resfriando. Na massa gasosa apareceriam as primeiras rochas. Formar-se-hiam novamente uma delgada crosta sólida, e, milhões de anos mais tarde, separadas as terras por oceanos, Jehovah poderia, acordando do seu longo sono, criar um novo Adão e uma nova Eva, que não hesitariam em morder o fruto da árvore do saber. Uma nova geração humana trabalharia por se apossar do seu mundo, descobriria o lume e a roda do oleiro, e um dia, quando conhecesse os fenómenos da rádio-actividade, suspeitaria, ela também, que não era a primeira nem seria a última que, neste mesmo astro pequeno entre os astros, sofria, lutava e tinha a nobre ambição de conhecer e avassalar todo o Universo.

F. Mira.

* * *

A PEDRA FILOSOFAL

Na antiguidade e na idade média procuraram os alquimistas, além do elixir de longa vida e da panaceia universal, a pedra filosofal, que deveria transformar as substâncias vulgares, como o chumbo plebeu, no rei dos metais, o Ouro. Mais tarde a sciência positiva veio demonstrar que o problema era tão insolúvel, como no campo do mecanismo é o do moto-contínuo ou movimento perpétuo.

Modernamente alguns sábios autênticos, retomando o velho nome de alquimistas, têm procurado fabricar ouro por processos que lembram os da idade média, pelo conhecimento incompleto que dêles temos. Nos seus laboratórios, debruçados sobre os cadinhos e retortas aquecidos ao rubro, em que deitaram substâncias diversas, misteriosas, vigiam atentamente a marcha da operação, na esperança vã de obter o precioso metal... Em voz baixa ouve-se dizer que o sábio Fulano conseguiu fabricar uns gramas do precioso metal, mas que os proprietários das minas de ouro lhe compraram o segrêdo, para não ser divulgado, aliás o valor do vil metal desceria de tal modo que ficariam arruinados...

A descoberta do rádio, com as suas maravilhosas propriedades, levou o problema para outro campo: a desintegração molecular dos metais. Como os diversos corpos simples que existem na natureza são apenas modalidades da matéria que é una — o éter —, explica-se que é apenas pela disposição diversa dos seus átomos e moléculas, que se diferenciam e apresentam aspetos e propriedades tão diferentes. O sábio japonês Nagaoka, depois de aturados estudos nesta ordem de ideias, inventou um aparelho eléctrico em que, submetendo o mercúrio e outras substâncias à acção duma corrente de fraquíssima intensidade (um centésimo de ampère), mas com a tensão enorme de 300.000 volts, actuando durante dias consecutivos, conseguiu obter leves vestígios de ouro. Infelizmente o processo é tão dispendioso que em muito excede o valor do ouro natativo...

E ainda há quem pense que o ouro encontrado entraria na constituição de qualquer peça do aparêlho...

Jess.

A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.

I

A PORTA DA CADEIA

Um grupo de homens barbados, vestidos de côres escuras e com chapéus cinzentos em chaminé, de mistura com mulheres, algumas de coifa, outras em cabelo, estava reünido em frente de um edifício de madeira, cuja porta, de carvalho reforçado, era coberta de pontas de ferro.

Os fundadores de uma colónia, qualquer que fôsse a Utopia de virtude e felicidade humana que sonhassem fazer dela, vieram sempre a reconhecer que duas das primeiras necessidades práticas eram destinar um talhão do solo virgem para cemitério, e outro talhão para sítio de uma cadeia. De acôrdo com esta regra, pode seguramente presumir-se que os fundadores de Boston construiram a primeira cadeia algures na vizinhança de Cornhill, com o mesmo acêrto com que delimitaram o primeiro cemitério no talhão de Isaac Johnson, e em tôrno da sua sepultura, a qual subseqüentemente se tornou o núcleo de todos os túmulos que se foram congregando no velho cemitério de King's Chapel. Certo é que, uns quinze a vinte anos depois da fundação da cidade, a cadeia de madeira estava já coberta de manchas do tempo e de outros indícios de velhice, que davam aspecto ainda mais sombrio à sua fachada carrancuda e triste. A ferrugem que cobria as pesadas ferragens da sua porta de carvalho parecia mais antiga que qualquer outra cousa do Novo Mundo. Como tudo o que é do crime, aquele feio edifício parecia nunca ter conhecido a juventude. Em frente, entre o casarão e a faixa por onde rodavam os carros, havia um espaço coberto de ervas ruins e desagradáveis à vista, que evidentemente encontravam cousa que lhes era conforme no solo que tão cedo havia produzido a flor negra de uma sociedade civilizada, uma cadeia. Mas ao lado do portão e quási enraizada no limiar, havia uma roseira brava, que neste mês de junho estava coberta de delicadas flores, as quais pareciam oferecer a sua fragrância e frágil beleza ao prêso que entrava, e ao condenado que saía para morrer, como a significar-lhe que o profundo coração da Natureza sabia sorrir-lhe e mostrar-lhe compaixão.

Esta roseira, por estranho acaso, vive ainda na história; porém se era a única planta que sobrevivia da antiga mata solitária, tanto tempo depois de caídos os pinheiros e carvalhos gigantescos que primitivamente a teriam coberto de sombra, ou se, como há boa autoridade para se crer, brotara de baixo dos pés da Santa Ann Hutchinson quando entrou as portas da cadeia, não o pretenderemos nós decidir. Encontrando-a logo no limiar da nossa narrativa, que vai agora surgir daquele infausto portal, não poderíamos deixar de colher nela uma rosa e oferecê-la ao leitor. Porventura servirá — e assim o esperamos — para simbolizar alguma delicada flor moral que possa encontrar-se pelo caminho, ou aliviar o sombrio desfêcho de um conto de humana fragilidade e sofrimento.

II

A PRAÇA DO MERCADO

O espaço coberto de erva, em frente da cadeia, na rua a que esta dava o nome, estava ocupado, em certa manhã de verão, há não menos de duzentos anos, por uma boa parte dos habitantes de Boston, todos com os olhos fitos na porta de carvalho chapeada de ferro. Em qualquer outra população, ou num período posterior da história da Nova Inglaterra, a austera rigidez que petrificava os semblantes barbados desta boa gente anunciaria que se tratava de algum terrível caso. Não indicaria menos que estar o povo à espera da execução de algum criminoso notório, a quem a sentença de um tribunal legítimo não tivesse feito mais que confirmar o julgamento da opinião pública. Porém, no regime da primitiva severidade do carácter puritano, não se poderia tirar com segurança uma conclusão desta ordem. Podia ser que um servo preguiçoso, ou um menino desobediente, que os pais tivessem entregado à autoridade civil, estivesse para ser fustigado no pelourinho. Podia ser que um antinomiano, um quacre ou um membro de qualquer outra seita heterodoxa estivesse para ser corrido às vergastadas para fora da cidade, ou que um índio ocioso e vadio, a quem a aguardente dos brancos tivesse feito praticar desatinos pelas ruas, estivesse para ser devolvido pelo mesmo processo ao seio da sombra das florestas. Também podia ser que alguma bruxa, como a velha senhora Hibbins, a viúva azêda do juiz, fôsse a morrer no cadafalso. Em qualquer dos casos, haveria quási a mesma solenidade de atitude da parte dos espectadores, como era natural num povo em que religião e lei eram quási idênticas, e em cuja índole a tal ponto elas se misturavam que os mais benévolos e os mais severos actos da disciplina pública assumiam o mesmo grau de respeito e solenidade. Fraca na verdade, e fria, era a compaixão que poderia esperar um condenado, no cadafalso, da parte dêstes assistentes. Por outro lado, penas que, em nossos dias, apenas acarretariam certo grau de infâmia burlesca podiam então revestir uma dignidade quási tão austera como a própria condenação à morte.

Era circunstância de notar, na manhã de verão em que principia a nossa história, que as mulheres — havia no grupo umas poucas — pareciam aguardar com particular interêsse o acto de punição, qualquer que fôsse, de que estavam à espera. Não tinha aquela época tão apurada sensibilidade, que, dada ocasião, qualquer sentimento de inconveniência inibisse as portadoras de saia e balão de sair à rua e ir entalar as suas nada vaporosas pessoas entre a multidão que se apinhava em tôrno de um cadafalso. Moral, como materialmente, eram aquelas donas e donzelas, da antiga raça e da antiga educação inglesa, de mais grossa fibra que suas gentis descendentes, a quem uma série de seis ou sete gerações separa delas; porque, nessa cadeia genealógica, cada mãe foi transmitindo à filha uma côr mais moderada, uma beleza

mais fina e passageira, e uma organização física mais fraca, se não um carácter de menor fôrça e solidez do que o seu. As mulheres que se tinham ajuntado ao pé da porta da cadeia estavam a menos de meio século do período em que a varonil rainha Isabel fôra a representante, não de todo imprópria, do seu sexo. Eram compatriotas dela, e a carne e a cerveja da sua terra natal, com uma alimentação moral que não era mais delicada, entravam largamente em sua composição. O claro sol da manhã dava, pois, em ombros largos e bustos opulentos, e em faces cheias e coradas, que se tinham formado na ilha distante, e quási ainda não tinham descorado ou emmagrecido na atmosfera da Nova Inglaterra. Havia também nestas donas — como em maioria pareciam ser — uma liberdade e decisão de linguagem que hoje nos causaria pasmo, já pelo sentido das palavras, já pelo próprio volume da voz.

— Comadres, — disse uma dona cinqüentona de feições duras — dir-vos hei o que penso. Bom fôra para todos que fôssemos nós mulheres, sendo de idade madura e de boa religião e bom porte, que tivêssemos que julgar as malfeitoras como esta Hester Prynne. Que pensais vós? Se esta vil mulher tivesse sido julgada por nós cinco, que aqui estamos agora juntas, ¿ teria ela ficado com tão branda pena como a que os dignos juizes lhe aplicaram? Ah! creio bem que não.

— Dizem — disse outra — que ao Reverendo Mestre Dimmesdale, seu virtuoso pastor, muito tem pesado que tal escândalo caisse sôbre a sua congregação.

— Os juizes são homens tementes a Deus, porém excessivamente misericordiosos — acrescentou uma terceira matrona, também de aspecto outonal. — Deviam pelo menos ter pôsto uma marca a ferro quente na testa de Hester Prynne. Madama Hester havia de espinotear, eu vo-lo asseguro. Mas que lhe há de importar, — à marafona — o que lhe quiserem pôr no corpete do vestido! Ora, até poderá cobri-lo com um broche, ou qualquer outro adôrno pagão, e andar assim pelas ruas, com tanto desembaraço como dantes!

— Ah! mas, — atalhou, em voz mais branda, uma dona jovem, que trazia um filho pela mão — por mais que ela cubra o sinal, a dor que êle lhe há de fazer estará sempre em seu coração.

— Para que estamos nós a falar de sinais e de ferretes, quer no corpete do vestido quer na carne da testa? — exclamou outra mulher, a mais feia e impiedosa de todos estes improvisados juizes. — Esta mulher envergonhou-nos a tôdas e devia morrer. ¿ Não há lei para tal? Por certo que a há, tanto na Escritura como no código. Os juizes que a puseram de parte, se as mulheres e as filhas se lhe desencaminharem, a si mesmos o deverão.

— Misericórdia, comadre! — gritou um homem que estava perto; — ¿ então não há virtude em mulher senão a que nasce do mêdo da fôrca? Esta é a mais dura cousa que ainda aqui se disse! Calai agora, que estão dando volta à chave, e aqui vem a senhora Prynne em pessoa.

Aberta de dentro a porta da cadeia, apareceu, em primeiro lugar, como uma sombra negra que surge ao sol, a figura tôrva e carrancuda do bedel da cidade, de espada ao lado e com o bastão do cargo na mão. Esta personagem significava e representava em seu aspecto tôda a triste severidade do direito puritânico, que era seu mester executar em sua última e mais directa aplicação ao delinqüente. Estendendo com a mão esquerda o bastão oficial, tinha a direita posta no ombro de uma mulher jovem, a quem assim vinha puxando para diante, até que, no limiar da porta, ela o repeliu, com gesto em que se evidenciou a sua natural dignidade e fôrça

de carácter, e saíu para o ar livre como se fôra por sua própria vontade. Trazia ao colo uma criança, de uns três meses de idade, que entrou a fechar os olhos e a voltar a carinha, fugindo à luz do dia, demasiado viva para ela; pois a sua existência, até ali, não lhe fizera conhecer senão o crepúsculo sombrio de um cárcere, ou de qualquer outro recinto escuro da cadeia.

Quando a mulher — a mãe da criança — ficou inteiramente visível à multidão, o seu primeiro impulso, ao parecer, foi apertar a criança contra o peito; não tanto por um movimento de afeição materna, como para esconder certo distintivo, que trazia bordado no corpete, ou prêso a êle. Mas logo, lembrando-se, com razão, de que um sinal da sua vergonha mal serviria para esconder outro, descaiu a criança sôbre o braço, e com o rubor que a queimava, e contudo com um sorriso de altivez, e um olhar que não queria baixar-se, relanceou a vista em roda pelos seus vizinhos e concidadãos. No peito do vestido, em bom tecido vermelho, cercada de um bordado complicado e de desenhos fantasiosos a fio de ouro, via-se-lhe a letra A. Estava tão artisticamente feito, e com tal fertilidade e exuberância de fantasia, que não parecia senão um último e apropriado adôrno do vestido que ela trajava, e que era de um luxo conforme com o gôsto da época, porém muito além do que permitiam os regulamentos sumptuários da colónia.

A jovem era alta e de consumada elegância. O cabelo era escuro e abundante, e tão luzidio que reflectia a luz do sol; o rosto, além de belo nas feições e na côr, tinha o poder impressivo que dá um traço negro de sobrancelhas e olhos também negros e profundos. Tinha, sôbre isto, a jovem, porte senhoril, à maneira da fidalguia feminina daqueles tempos, caracterizada por certa nobreza e dignidade, mais que pela graça delicada, subtil e indescriptível que hoje distingue essa fidalguia. E nunca se mostrara Hester Prynne mais senhoril, no antigo sentido da palavra, que ao saír da porta da cadeia. Aqueles que antes a haviam conhecido, e que esperavam ir vê-la abatida e ensombrada, por uma nuvem de desgraça, admiravam-se, pasmavam até, ao ver como a sua beleza irradiava e convertia em aurêola a própria desventura e ignomínia que a envolviam. Porventura, para um observador perspicaz, havia nessa beleza o que quer que fôsse de subtilmente doloroso. O trajo de Hester, que ela mesma tinha feito na cadeia para esta ocasião, e que quási todo de sua fantasia delineara, parecia exprimir, na singularidade estranha e pitoresca, a sua disposição de espírito e a desesperada indiferença da sua atitude. Mas o ponto que atraía todos os olhares e, por assim dizer, a transfigurava — de sorte que tanto os homens como as mulheres que de perto a haviam conhecido sentiam agora a impressão de que a viam pela primeira vez — era aquela *LETRA ENCARNADA*, tão fantàsticamente bordada e iluminada, que ela trazia sôbre o seio. Tinha o efeito de um encantamento, que a arrancava às suas relações ordinárias com a humanidade, e a encerrava numa esfera em que a deixava isolada.

— Tem jeito para bordar, lá isso é verdade — observou uma das espectadoras; — mas quando é que uma mulher, antes desta descarada, se lembrou de o mostrar desta maneira? ¿ Que é isto, vizinhas, senão rir na cara de nossos santos juizes, e fazer orgulho daquilo que êles, tão dignos senhores, quiseram que fôsse um castigo?

— Bom fôra — murmurou a mais dura de aspecto de tôdas as velhas donas — que nós fôssemos arrancar aquele rico vestido de Madama Hester dos seus ombros delicados; e, em lugar daquela letra vermelha que ela bordou com tanta arte, dera-lhe eu um trapo de flanela do meu reumático, para lhe fazer uma letra mais decorosa.

(Continua.)

A VIDA COLONIAL

A grande maioria dos portugueses desconhecem por completo, infelizmente, as nossas colónias, ou então conhece-as apenas através da velha tradição da Costa d'África para onde se enviam os degredados a cumprir as criminosas dívidas que contraíram para com a Sociedade. E, no entanto, ideia mais errada se não pode conceber.

Hoje com o conhecimento que se tem das doenças tropicais, sua profilaxia e tratamento e com o maior confôrto e higiene que em tôdas as colónias se encontram, os perigos que a nossa saúde lá corre são mínimos, desde que se leve uma vida regrada e se observem cuidados elementares. Além disso há nas colónias regiões, como os planaltos de Angola, outros pontos de Moçambique e em especial Lourenço Marques, algumas ilhas de Cabo Verde, certas roças altas de S. Tomé, Macau, parte de Timor e da Índia, em que se encontram climas tão bons e saudáveis como os melhores de Portugal.

Por outro lado há já hoje nas nossas colónias grandes cidades e povoações, cujo conforto, progresso e desenvolvimento fariam inveja à maior parte das nossas cidades e povoações metropolitanas. E os encantos de vária ordem que tem a vida colonial, que mais do que nenhuma outra pode seduzir o espírito de aventura da nossa raça! As grandes explorações nas extensas matas ou florestas, nos grandes rios, ou montanhas que nas nossas colónias se encontram por tôda a parte, as grandes caçadas e aventuras, os vastíssimos campos que as maiores actividades, iniciativas e energias lá encontram, são ainda a razão principal de atracção que os portugueses têm sentido sempre e continuam a sentir pelas coisas coloniais.

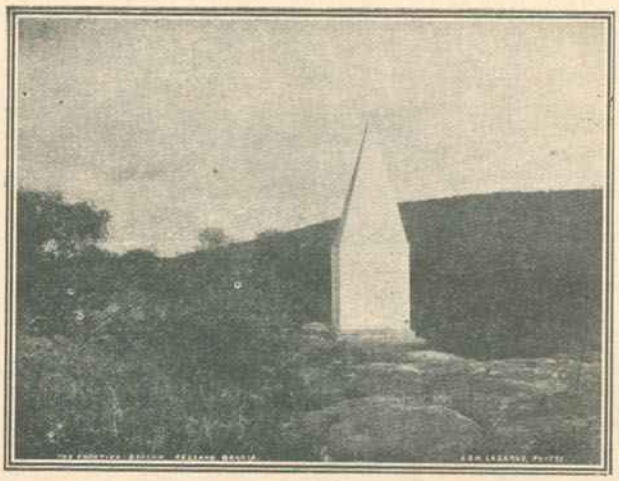
Só quem de todo desconhece as colónias e nunca por lá andou é que ignora a atracção enorme que elas sôbre nós exercem, fazendo com que todos os que por lá andaram uma vez sempre alimentem a esperança de lá voltarem. E de tal maneira isto assim é que em tôdas as colónias existe um anexim traduzindo esta ideia. Assim se diz em S. Tomé que quem come o safré (fruto esquisito, a que é preciso habituar o paladar, mas delicioso) não deixa de voltar à ilha; na Guiné é costume dizer-se que «quem bebe a água de Intáxá (fonte que abastece Bolama de excelente água) decerto que volta lá», e assim noutras colónias.

Angola. — Três tipos diferentes de indígenas successivamente pela ordem das regiões em que vivem: Ballundo, Loanda (raça mestiça) e Mossamedes (raça mondombe).

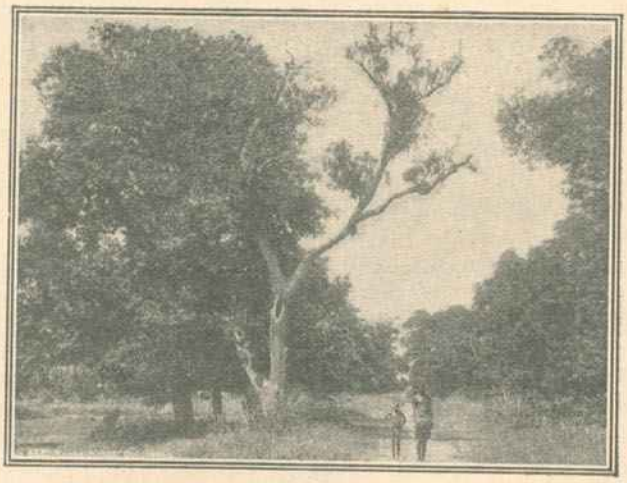
A nossa vida colonial, tanto no passado como no presente, está cheia de episódios admiráveis ou interessantíssimos, em que o brio da raça, a valentia lusitana, o nosso esfôrço colonizador e civilizador e o espírito português constantemente aparecem em, por vezes, maravilhosas fulgurações; alguns dêles merecem bem, pelo que têm de sugestivo e eloqüente, ser aqui referidos.

A *Ilustração*, registando regularmente nesta secção aspectos dos mais pitorescos e sugestivos da vida colonial portuguesa, ao mesmo tempo que instrui e interessa os que a lêem, na sua maior riqueza, o nosso património colonial, presta um autêntico serviço à Nação.

Armando Cortesão.



Moçambique. — Marco da fronteira, Ressano Garcia, entre o distrito de Lourenço Marques e União Sul Africana. Em Ressano Garcia existe um posto de fronteira de alfândega para a fiscalização de mercadorias que saem para o Transvaal e entram para Lourenço Marques.

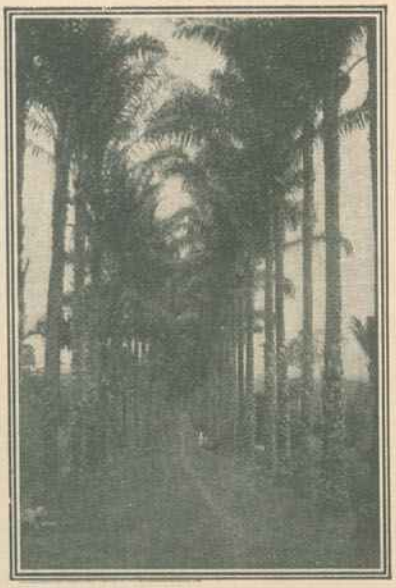


Moçambique. — Uma magnífica estrada no interior do distrito de Quelimane

S. Tomé. — Uma cascata no *Rio Carejo* que se despenha de 14 metros de altura e que mais parece, quando batida pelos raios do sol, uma vasta toalha de prata em fusão.

Macau. — Fotografia antiga da Praia Grande e sua magnífica avenida marginal. Macau ultimamente, com a construção do seu magnífico porto, que ficará sendo um dos melhores do Oriente, está passando por uma grande transformação, em que mais uma vez se verificam as magníficas qualidades de iniciativa e colonizadoras dos portugueses.

Guiné Portuguesa. — Depois de uma caçada feita pelo Dr. Armando Cortesão nas margens do rio Cacine, numa riquíssima região em caça no sul da nossa província da Guiné.



Angola. — Cazengo — Palmeiras do azeite ao longo duma estrada numa fazenda agrícola. A palmeira do azeite (*Elæis guineensis*), que dá o azeite de palma e o coconote, é uma das notáveis riquezas da agricultura colonial, sendo a sua importância cada vez maior em virtude da crescente procura que têm os oleoginosos, cada vez mais utilizados e indispensáveis a variadíssimas indústrias.

Macau. — Bazares chineses na Rua das Felicidades. A arquitectura desta rua é tipicamente chineza, sendo o seu aspecto devéras interessante.

LIVROS E ESCRITORES

Aqui há tempos vimos Rachilde, a interessante romencista francesa, insurgir-se contra a incontinência editorial que anormaliza e adoenta o meio intelectual do seu país e pouco depois Paul Souday, famoso e temido *porte-férule* do *Temps*, reforçar êsse brado, numa curiosa entrevista concedida a Frédéric Lefèvre. Ainda outras vozes afinando pelo mesmo diapasão e em que não cabe minoria aos livreiros, a quem cabe particular voto na matéria, encontrará quem fizer leitura assídua dos muitos jornais e revistas que em França se ocupam dêstes assuntos. Em suma, há uma coisa a concluir: é que o livro francês atravessa uma crise que resulta do excesso da sua produção. Os sintomas dêsse mal-estar alarmante são, entre outros, os seguintes: as obras atropelam-se umas às outras, quer nas montras das livrarias quer nas mesas dos críticos; êstes, esfalfados no empênho de as atender a tôdas, descuram a meticulosidade da sua tarefa; os autores agatanham-se braviamente na disputa da glória; e o público, desorientado, retrai-se, o que origina a pululância dos êxitos medíocres e fictícios em substituição dos êxitos amplos e duradouros que se registavam outrora.

Ora isto dá-se na França, cuja hegemonia literária é tradicional e incontestável, na França que, mercê da universalidade da sua língua, pode alagar o mundo com o seu caudal bibliográfico, na França que gosa do privilégio de fincar os tentáculos das suas letras desde as remotas paragens do Oriente até a nossa extrema ocidental.

Pois em Portugal há nesta hora uma crise semelhante: publica-se demais. A média das obras extraídas dos prelos em cada mês roça já pelo disparate. Dir-se há que nos acometeu a freima de equiparar a nossa bibliografia à francesa, a nossa triste bibliografia que não dispõe senão dum acanhado mercado na metrópole e para o qual o das colónias, de tão sedutoras possibilidades, permanece ainda como a terra encantada que dois terríveis Cerberos — as taxas postais e o problema das transferências monetárias — interdizem ferozmente! É a galopada para o absurdo, como se vê.

Tão copiosa produção está longe de indiciar riqueza de talento e de saber, porque a dura e fatal verdade é esta: é diminuta a sua percentagem de obras que nos digam algo de novo e que, ao dizê-lo, honrem e respeitem a formosura e a pureza da linguagem. O cabotinismo, a doentia ânsia de notoriedade e um pouco também a ambição mercantil, — tudo isso, afinal, que rebaixa e nega a nobreza da faculdade mais bela do homem, que é a de pensar e sentir e de transmitir, pela palavra escrita, tornada arte,

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos

êsse pensamento e essa comoção, — tudo isso tem trazido as nossas letras ao estado de tumultuosa feira de mestiços, na qual os poucos de raça estreme correm o risco de perder-se e confundir-se.

De quem, a culpa? Principalmente, de todos nós que na imprensa temos tido o encargo de

Elísio de Carvalho

comentar essa diluvial produção literária. O meu acto de contrição está aqui, implicitamente, rezado.

Mas é chegada a hora de reagir e de sanificar o meio. Impõe-se para isso maior poupança nos adjectivos laudatórios e a fuga à leviana facilidade com que no campo das letras, tomando como modêlo o relaxe do campo político, se têm concedido profusos títulos de grandeza e distinção. A sua vacuidade já não passa despercebida ao próprio público, tendendo êste até no momento para a perigosa atitude de medir tudo pela mesma craveira de desprestígio e desconceito, dentro do rudimentar mecanismo do seu critério simplista.

Prega-se, assim, a guerra santa contra os novos? Não. O que se prega ùnicamente é a restauração da dignidade das letras, hoje tão abalada. Tragam os estreantes livros que não sejam frustes esboços e ôcas extravagâncias, e as honras devidas ser-lhes hão prestadas. De contrário — ser-lhes há aplicada a pena do silêncio, que, no entender de Goëthe, é a mais severa das críticas.

* * *

Delineada assim a orientação desta crónica e acrescentando que a converteremos num traço-de-união entre o público ledor e a gente que para êle escreve, queremos ainda aproveitar as linhas que nos restam para prestar a nossa comovida homenagem à memória dessa alta individualidade intelectual que perdemos há pouco e que foi a Senhora D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Não obstante a morte lhe gelar a mão em idade já provecta, com quantos belos trabalhos de erudição e de crítica projectaria ela ainda opulentar as nossas letras, que tantos e tamanhos serviços lhe ficam devendo!

Também a nossa humilde pena tem de curvar-se e envolver-se de crepes ao evocar o nome de Elísio de Carvalho, recentemente e em plena virilidade falecido na Suíça e que deixou nas letras brasileiras o sulco profundo das suas potentes e multifacetadas energias mentais. O seu vivo interêsse pelas coisas de Portugal, não perdendo um único ensêjo de se exteriorizar, coloca a nossa saudade, como acontece com Olavo Bilac e Paulo Barreto, na obrigação de, instintivamente, o naturalizar português, para mais do íntimo da alma prantear o seu passamento, como perante um dos melhores portugueses roubados à admiração e ao carinho do nosso espírito.

César de Frias.

OS LIVROS PÓSTUMOS DE EÇA DE QUEIRÓS

Acontecimento que marca soberania nos inícios dêste ano literário, a vinda a público dos inéditos de Eça de Queirós, em número tão basto e em circunstâncias tão imprevistas que mais parecem filhas de um lance de mágica, afigurou-se-nos o tema mais interessante neste momento para o primeiro dos inquéritos com que freqüentemente animaremos as páginas desta secção.

Amàvelmente acolhida a nossa idéa por parte dos ilustres homens de letras a quem dirigimos o respectivo questionário — dando natural preferência aos prosadores e, sôbre-tudo, aos que teem cultivado o romance ou géneros afins — já neste número da *Ilustração* inserimos os primeiros depoimentos que nos chegaram às mãos, ficando os restantes, com as conclusões que o seu conjunto nos sugerir, para o número seguinte. Os quesitos, a que correspondem as respostas dos escritores, foram assim estabelecidos:

1.º — *Julga acertada a publicação de obras póstumas, quando os autores assim o não tenham deixado expressamente determinado?*

2.º — *Julga* A Capital *e* O Conde d'Abranhos, *os livros já aparecidos da anunciada série póstuma, dignos da alta memória que Eça de Queirós deixou da sua arte literária?*

É claro que não se devem publicar as obras de um escritor, quando êsse escritor, nítida e firmemente, declare que não quere que se publiquem; mas se entre os seus papéis aparecerem inéditos admiráveis, embora por concluir, ¿porque não trazê-los a público, uma vez que se precedam de inteligentes prefácios elucidativos, honestamente prevenindo os artistas e o público em geral de que se trata de obras incompletas, ou apenas de esbôços, de rascunhos, mas nos quais, aliás, refulge talento e arte, reconhecendo-se nêles a mão prodigiosa de um prodigioso artista?

As duas obras póstumas de Eça de Queirós, agora aparecidas, apesar de incompletas como composição e forma, têm tanta observação, tanto pitoresco, tanta subtil ironia, tanto talento e tanta beleza, que seria *pecado* haver deixado ficar na sombra do fundo de uma gaveta, a amarelecer e a impregnar-se de bafio, os preciosos manuscritos inéditos do maravilhoso artista das *Lendas de Santos* e da *Cidade e as Serras*.

Antero de Figueiredo.

* * *

Quando a obra, deixada inédita, se impõe pela unidade e relativo acabamento, como sucede com *A Capital* e *O Conde d'Abranhos*, imagino que o próprio facto do autor a não ter destruído é recomendação bastante para a sua publicação.

Tenho *A Capital* e *O Conde d'Abranhos* como trabalhos que não destôam do nome glorioso de Eça. Os moldes do romance na actualidade evoluíram, é certo; mas tão vivos, tão actuais, tão cheios de observação e *verve* são aqueles livros, que só nos resta agradecer à mão desvelada que os libertou do esquecimento.

Aquilino Ribeiro.

* * *

Julgo — desde que não abranja a obra hesitante e incaracteristica da menoridade literária. O que nos livros póstumos possa haver de irregular e imperfeito constitui, a meu ver, o mais precioso elemento para o estudo da personalidade e dos processos do escritor. Nenhum assômo de intolerância crítica prejudica a espontaneidade do trabalho. O verbo criador sôa límpido e com o acento que só têm as palavras *que pronunciamos para nós mesmos*. O sentimento estético mal sofre ainda o jugo do saber estético. — Mas julgo também que a responsabilidade da publicação só deve ser assumida por quem compreenda e sobre-tudo por quem ame o artista.

A Capital e *O Conde d'Abranhos* são dois altos-relêvos do maravilhoso barro que o romancista de *A Cidade e as Serras* modelava como Miguel Angelo e espiritualizava como Deus. — Imperfeitos? Poucos o poderão dizer sem fatuidade ou inconsciência. — Mas por que a mão do criador não pôde dar forma definitiva à argila a que já tinha transmitido o segrêdo da vida, impõe-se acaso uma destruição sacrílega? — Não. Seguramente. Entendo que *A Capital* e *O Conde d'Abranhos* ficam bem onde já estão, integrados na obra que, ainda em vida, tão nobremente sagrou o nome de Eça de Queirós nas letras de Portugal. Ninguém se lembrou de afirmar, cuido eu, que as capelas imperfeitas da Batalha diminuem a beleza do incomparável mosteiro ou amesquinham o pensamento que fiou da eternidade das pedras dêsse monumento a sua própria eternidade.

D. João de Castro.

* * *

Evidentemente, os livros póstumos de Eça de Queirós nada acrescentam à gloria do escritor excelso. Julgo, todavia, que o seu aparecimento foi útil, porque forneceu à crítica excelentes documentos para a reconstituição e para o estudo completo da individualidade literária do grande romancista. Por êles, ficámos sabendo definitivamente que a primeira forma de Eça de Queirós, que muitos julgavam atormentada e difícil, era pelo contrário fluente, fácil e cheia de ritmo, de som, de colorido, e que no esbôço, na modelação inicial dos seus personagens, havia já vigor. E ficámos conhecendo, sobre-tudo, a alta probidade artística do homem ilustre, comparando os volumes agora lançados à publicidade, e que êle esquecera no fundo duma gaveta, com os que publicou depois dos retoques sucessivos que os valorizaram excepcionalmente. A prosa de *A Capital* e do *Conde d'Abranhos* não tem certamente o relêvo, a fluidez, a pureza, a transparência, a nitidez, o córte de *A Cidade e as Serras* e de *A Ilustre Casa de Ramires*.

Só por êstes motivos — e além doutros que não menciono para não dar à minha resposta uma extensão que o inquérito não comporta — se justificaria plenamente, no meu entender, que os trabalhos inéditos do eminente escritor fôssem arrancados à obscuridade em que jaziam.

João Grave.

MIRAGEM

Peça em quatro actos, de Carlos Selvagem, no Teatro Nacional

Consoante os bons principios, inaugurou o Teatro Nacional a presente época, com um original português.

Miragem, peça em 4 actos, de Carlos Selvagem, dada em primeira representação na noite de 4 de Novembro, constituiu, pela sua natureza, pela sua técnica e pela sua representação, a-pesar-de um ou outro deslize, um apreciável esfôrço no sentido de restituir o tablado do Teatro Nacional à sua verdadeira função.

Quanto à peça, a crítica dividiu-se, como é de sua natureza. Cabendo-nos nesta página da *Ilustração* registar os acontecimentos teatrais de maior interêsse e actualidade, quer em Portugal, quer no estrangeiro, respigamos da Imprensa diária de Lisboa dois comentários que dão numa forma necessàriamente lacónica uma súmula crítica da obra:

De Matos Sequeira, no *Diário da Tarde*:

«Carlos Selvagem foi muito aplaudido.

«Merece-o. *A Miragem*, cujo diálogo é exce-«lente, como peça moderna representa alguma «coisa. Sente-se, através das próprias hesitações «de uma primeira fundição naquele *molde* que «está sendo em França quási o único que se re-«comenda, o talento do seu autor. A mesma di-«ficuldade de achar o centro da peça que o «obrigou a fazer dois actos intermédios, desdo-«brando o que devia ser um só, documenta o seu «mérito. Evidentemente o que se nota mais em «*A Miragem* como pormenor saliente de restri-«ção, é êsse desdobramento. Um pouco mais de «síntese, até a supressão de uma ou outra scena, «tornariam a acção mais teatral. Uma simples «frase da Rosária, no final do terceiro acto, subs-«tituiria tôda a scêna já então inútil para a acção.

«..... ....

«Como idéa — houve quem dissesse que era ba-«nal. A *Miragem* enfrenta, decerto, um assunto «que não é novo, mas que tem novidade pela «forma apresentativa e pela solução. Assuntos «novos quási os não há; o que pode haver são «interpretações novas, e é isso o que vale.. »

De Artur Portela, no *Diário de Lisboa*:

«Carlos Selvagem busca, depois de *Entre Gies-«tas*, uma directriz quando devia apenas acari-«nhar o seu temperamento. As brumas do norte «já o seduziram. Ibsen foi um relâmpago na sua «obra. Sarment será outro.

«O que êle ficará porfim é um construtor de «teatro forte, duro, expressional. Lá está o diá-«logo sêco, cortante, vivendo de facto a reve-«lar-lhe a forma. A agudesa penetrante do seu «espírito não admite sentimentalismos. A vontade «num dramaturgo como Carlos Selvagem, não «reflete o que se passa em volta, não espera, não «se detem, não atende, não descarna, não ajoe-«lha — ergue-se, radia, cria, inflama, batalha a «vida. Há sempre uma espada cortando um cora-«ção.

«..... .....

«A *Miragem* é uma peça máscula. O predo-«mínio do homem sôbre a mulher esfarrapa esta «e dá àquele atitudes de grandeza cínica e de «exteriorização que a fantasia aceita, mas o «bom-senso recusa.

«A peça tem para nós, como defeito princi-«pal, o ter sido construida em pensamento.»

Miragem deu, além disso, ocasião a um grande êxito pessoal que nos aprás aqui assinalar.

Referimo-nos à magnífica criação que do complexo e exigente papel de *Maria Luísa*, fez a distinta societária do Teatro Nacional, Sr.ª D. Ester Leão.

A probidade dos seus processos artísticos, magnificamente servida pelos mais brilhantes dotes pessoais de elegância, de emoção e de inteligência, conquistaram definitivamente a difícil plateia dessa noite de *primeira*, que acabou por conferir à ilustre artista o justo prêmio do seu talento e do seu trabalho.

Tendo chegado, em poucos anos, a poder de trabalho, de talento e de natural distinção, ao primeiro plano dos actuais valores da scena portuguesa, culminou essa noite, na frase justa dum jornalista, a sua carreira de comediante.

Era já na verdade uma grande actriz que pisava, essa noite, o palco do Nacional.

De resto, por banda dos restantes intérpretes a representação foi, dum modo genérico, homogénea e cuidada.

Enscenação e marcação de António Pinheiro, conquanto isentas de inovações temerárias, rolando nos gonzos costumeiros do teatro naturalista, foi digna da nossa primeira scena. O scenário do 1.º acto ousamos classificá-lo de muito bom, completando a própria atmosfera moral do drama que começava a desenrolar-se, dando na expressão muda das tintas e da decoração a batalha surda de duas almas. Os scenários do 2.º, 3.º e do 4.º actos, inteiramente conformes às rúbricas, eram nos mais insignificantes detalhes, adequados à acção, criando o ambiente psicológico, próprio de cada acto.

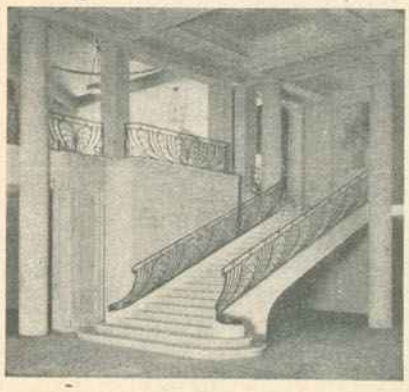
Não há que regatear louvores aos artistas societários do Teatro Nacional pelo carinho e cuidado que puseram em fazer dessa noite, no tablado do seu teatro, uma noite de festa.

Pintura portuguesa do primeiro quartel do século XVI (atribuida a Gregório Lopes), pertencente ao antigo retábulo de Santa Auta, da igreja da Madre de Deus. Hoje no Museu Nacional de Arte Antiga

Lisboa, capital de um país que se julga civilizado e a par do progresso europeu, não possui ainda uma verdadeira *Sala de Concertos*. A sala do Teatro de S. Carlos — a única em que, devido a uma casual mas excelente acústica, se pode *ouvir* música — não é pròpriamente, um recinto para audições musicais. Delineada e construída para Ópera — *para espectáculos* — a sua disposição convencional e antiquada, a sua iluminação mal graduada e imprópria, a sua ornamentação pesada e absorvente, não correspondem já à estética moderna, nem convêm, de modo algum, a um verdadeiro «Templo da Música»...

Das outras salas existentes em Lisboa, é preferível não falar, — se as considerarmos sob êste ponto de vista e para esta especial aplicação —. Além de irremediáveis insuficiências ou incapacidades acústicas, elas são, quási tôdas — como, de resto, em muitas outras cidades da Europa — verdadeiros atentados contra o gôsto, o bom-senso e a saúde pública.

Desde o acesso, odiosamente dificultado pela humilhante obrigação do arrebanhar em «bicha», até à conquista de inconfortáveis cadeiras ou bancadas, longamente disputadas através de tortuosos corredores, o pobre *amador de música* tem de expor-se aos múltiplos e graves perigos das correntes de ar, das poeiras densas, das temperaturas extremas e tem de resignar-se, por fim, à obrigatória intoxicação que, muitas vezes, o leva a acusar injustamente a Música dos males com que recolhe a casa.

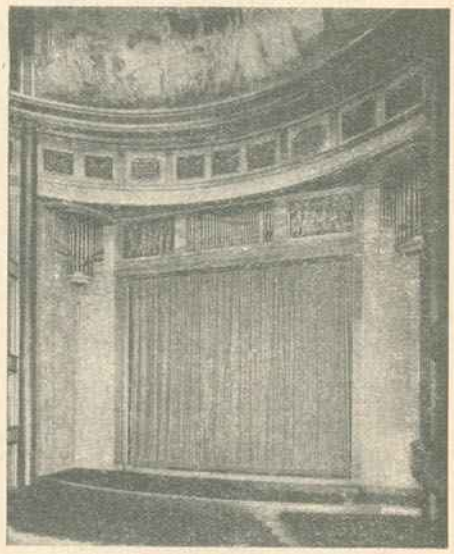


Escada de acesso aos fauteuils do 1.º balcão

Das numerosas salas que temos visto, experimentado ou freqüentado, no Estrangeiro, cremos que a do «Theâtre des Champs Elysées», é a mais bela e prática demonstração das ideas actuais da arte de construir — o melhor modêlo das salas modernas *de Teatro*. Situado em um dos bairros mais luxuosos, aristocráticos e centrais de Paris, o *Teatro dos Campos Elysées* possui, pelas suas facilidades de acesso, pela sua arquitectura, dimensões, acústica e confôrto, a melhor e mais perfeita sala de espectáculos e concertos que eu conheço. As linhas arquitectónicas de uma sóoria elegância, a decoração discreta e de bom-gôsto, a iluminação admiràvelmente instalada e repartida, os vestíbulos, escadas e corredores largamente traçados e desenvolvidos, contribuem para o aspecto realmente singular, para o harmonioso equilíbrio desta sala que, devido, sem dúvida, às suas proporções longamente ponderadas e estabelecidas, à sua forma circular, desembaraçada de pilastras ou colunas, constitui uma excelente *caixa de ressonância* eminentemente propícia à sonoridade e ao timbre. E se uma reserva sèria entendemos fazer, é ao plano indeciso, misto, bipartido, manifestamente utilitário, do duplo fim e emprêgo de uma sala em espectáculos e em concertos.

O ideal *Templo da Música* antevisto ou sonhado por todos aqueles que vivem no torturante anseio da Perfeição, está ainda por construir... Um dia virá, sem dúvida, em que um grande Artista, liberto da convenção e do negócio, poderá realizar êsse sonho, levantando, enfim, o *Verdadeiro Templo* — o templo aonde todos os homens, crentes e submissos, virão, numa sincera comunhão de Paz e de Bondade, serenar o corpo e purificar a alma.

F. DE L.



Teatro dos Campos Elyseos — Quadro da scena e pano de bôca

* * *

O terceiro «festival» da *Sociedade Internacional de Música Moderna* teve lugar, êste ano, em Veneza — a maravilhosa cidade do Silêncio.

Sabemos, pelas informações dum fervente e competentíssimo auditor nosso amigo, que os cinco concertos ali realizados deixaram, em todos, a nítida impressão de uma pobre e já muito cançada *originalidade*.

O próprio Ravel — a quem tanto se deve e de quem tanto se deve esperar ainda — não revelou o menor progresso ou novidade com a sua *Tzigane*, que nós ouvimos últimamente em Lisboa e que nos pareceu condenada pela fatal e destrutiva influência do *Demónio da virtuosidade*.

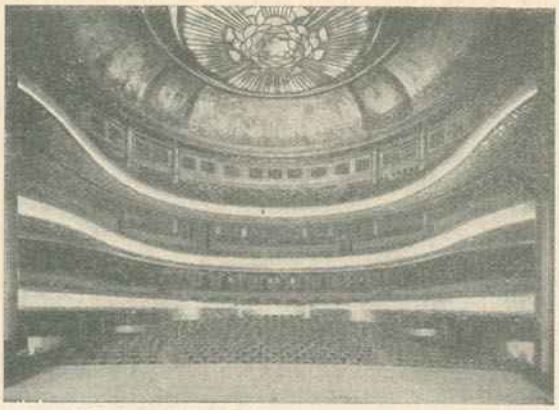
De Strawinsky, uma importante *Sonata* para piano parece indicar, enfim, um deliberado regresso às *leis* de Bach e de Mozart — reacção que nós, em tempo, ousados e incompreendidos, profetizámos ..

Quanto a Schœnberg — o discutido chefe de escola austríaco —, é de crêr que a sua medíocre colaboração musical neste certamen lhe tenha agravado o bilioso humor e a miopia, a julgar pela resposta que deu a alguem que, muito cândidamente, lhe perguntou:

— Então, em Veneza, muitos e ilustres músicos?

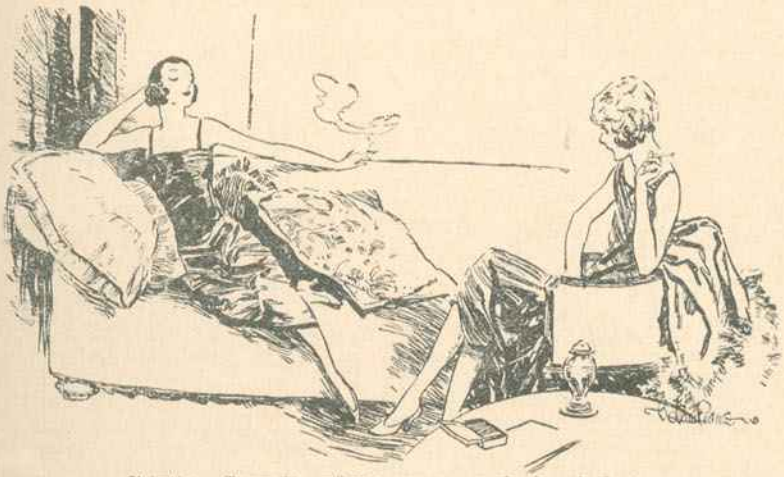
— Músicos?... Não vi nenhum!

— Assistiram, entre outros, ao «festival» de Veneza, os compositores Ravel, Roussel, Casella, Honegger, Ibert, Strawinsky, Malipiero e Szymanowski... —



Conjunto da Sala, vista do palco

PASSATEMPO

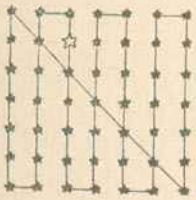


Valentina: — Teu marido confia-te as suas preocupações financeiras?
Suzana: — Confia... tôdas as vezes que eu compro alguma coisa.

RISCANDO ESTRÊLAS

(Passatempo)

Ponham a ponta do lápis na estrêla branca e cortem tôdas as estrêlas no menor número possível de riscos direitos e contínuos, terminando no ponto da partida.



Mostramos uma forma de o fazer em quinze traços, mas são demasiados.

Podem seguir a direcção que quizerem mas cada volta têm de ser feita sôbre uma estrêla.

* * *

ESPÍRITO DOS VELHOS PORTUGUESES

...Estando um amigo meu e a minha pessoa à porta duma Igreja que se chama *Omnium Sanctorum*, passou um cavaleiro português com seis pagens e dois lacaios muito bem vestidos à castelhana, e tirando o chapeu ao templo, tirámo-lo também nós a êle em sinal de cortezia. Voltou-se o português como que afrontado e disse:

—«Repare, senhor castelhano, que não lhe tirei a si o chapeu, mas sim ao Santissimo Sacramento.

Respondi eu:

—«*Pues yo se le quite á vuesa merced.*

Compungido com esta resposta tornou o português:

—«Também o tirei a si, senhor castelhano.

(Do *Marcos de Obregon* por VICENTE ESPINEL.)

Ouvindo missa D.ª Feliciana de Milão, a célebre freira de Odivelas, impedia-lhe a vista D. António de Almada que estava diante. Mas ela o advertiu, dizendo-lhe: Snr. D. António, já que é de Almada passe para a outra banda.

* * *

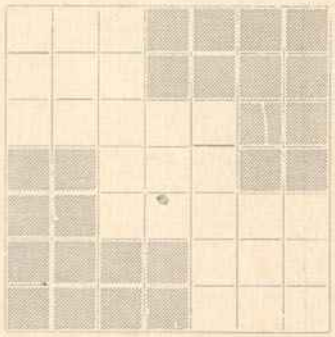
Certa religiosa, freira também de Odivelas, tinha consigo uma sobrinhita que fugia sempre de um frade grilo que costumava procurar a dita religiosa. Dando esta uma vez na sobrinha por fugir do tal frade, se foi a pequena meter nos braços do frade grilo, o que vendo D.ª Feliciana de Milão disse: Mal vai a raposa quando ela anda aos grilos.

* * *

Queixou-se-lhe em certa ocasião el-rei de lhe pezar muito uma capa preciosa, que tinha nos ombros, dizendo que carregava como uma alabarda. Ao que D.ª Feliciana respondeu graciosa: Pois está-lhe bem.

(Inéditos dum manuscrito de 1738.)

NOVO PASSATEMPO DE PALAVRAS CRUZADAS



A	A	A	A	A
A	A	A	A	A
T	T	L	L	M
O	O	H	R	R
G	G	S	Z	Z

Eis uma variante mais simples e portanto muito mais ao alcance de todos os espíritos, do vulgar passatempo de palavras cruzadas.

Damos as definições de tôdas as palavras, mas não indicamos os seus lugares ou direcções, quer horizontais, quer verticais. Em baixo, no quadro, vêem-se tôdas as vinte e cinco letras que entram na composição das palavras.

Como tôdas excepto quatro, são palavras de três letras, não é difícil achar uma boa quantidade de palavras prováveis e tentar encaixá-las umas nas outras mas adivinhar primeiro as de cinco letras, ajudará muito a encontrar a solução.

Definições:

Pertence às aves e aos anjos. — Prendo. — Rompe. — Verbo ou substantivo. — Pode ser patroa e pode ser mercenaria. — Fitar. — Pronome demonstrativo. — Gosta muito. — Uma das partes dos aeroplanos, que os cêstos também têm, assim como vários outros objectos. — Fluido químico.

Onde estão mais cinco convidados?

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

PROCURAREMOS, nesta secção, informar os leitores desta revista sôbre os melhores livros que vão aparecendo nos mercados estrangeiros. Julgamos assim prestar um serviço e preencher uma lacuna existente em quási tôdas as revistas portuguesas: a ausência de informações bibliográficas. Nesse número, além do registo bibliográfico da quinzena, inserimos a lista das traduções francesas de obras literárias inglesas. Temos em vista a grande maioria dos nossos leitores que não lê inglês e que, ignorando a existência de boas traduções, se priva de travar conhecimento com uma das mais belas e ricas literaturas do mundo.

LITERATURA INGLESA TRADUZIDA EM FRANCÊS

Contemporâneos (georgeanos, eduardianos e últimos victorianos).

GEORGES MEREDITH (1828—)

L'Égoïste, trad. Yvonne Canque, 2 vols. edição da *Librairie Gallimard*, Paris 1924 (18 frs.).
Shagpat rasé, trad. por Hélène Boussinesq et René Gallaud, 1921 (9 frs.).
Essai sur la Comédie, introd. Arthur Symons, trad. Henry Davray, 1898.
Tragi-comédie d'amour (Histoire d'Hier) trad. Cl. et J. Ritt, 1909.

FRANCIS THOMPSON (1859—1907)

Corymbe de l'Automne, trad. de Paul Claudel, 1920 (40 frs.).
Une Antienne de la Terre, precedida de uma noticia biográfica por Wilfrid Meynell, trad. de Augusto Morel, 1920.
Le Lévrier du Ciel (Hound of Heaven), seguido do Corymbe de l'Automne, Une Antienne de la Terre, e precedido de um estudo sôbre a Vida de Thompson, por Augusto Morel, 1921 (6 frs.).

THOMAS HARDY (1840—)

Barbara, trad. Mathilde Zeys, 1901 (6,75 frs.).
Jude l'obscur, trad. F. Roz, 1901 (3 frs.).
Ters d'Urberville, trad. M. Rolland 2 vols., 1924 (15 frs.).
La Bien-Aimée, trad. Eve Paul-Margueritte, 1909 (6 frs.).
Deux Yeux Bleus, trad. Eve Paul-Margueritte (6 frs.).
Une femme imaginative, trad. George Bazile, 1918.
Les Petites Ironies de la vie, trad. M.me H. Boivin,, 1922 (6,75 frs.).
Le Maire de Casterbrigde, trad. Philipe Neel, 1922 (9 frs.).
Le Retour au Pays Natal, trad. Eve Paul-Margueritte, 1924 (7 frs.).
Sous la Verte Feuillée, trad. Eve Paul-Margueritte, 1924 (7 frs.).
Poèmes, trad. J. Fournier Pargoire, 1925 (8 frs.).

GEORGE MOORE (1852—)

Terre d'Irlande, trad. F. Rabbe, 1887.
La Femme du Cabotin, trad. 1888.
Confessions d'un jeune Anglais, trad. em colaboração com o autor, 1925 (12 frs.).
Esther Waters, trad. por Firmino Roy et Emm. Fenard, 1907 (4,50 frs.).
Mémoires de ma vie morte, trad. G. Jean — Aubry, 1922.
Le Lac, trad. M.me W. Laparra, prefácio de Edmond Jaloux. 1923 (7 frs.).
Walter Pater, trad. I. Jean—Aubry (Revue de Genève, Julho e Agosto 1923).

GEORGES BERNARD SHAW (1856—)

TRADUÇÕES DE AGOSTINHO E HENRIQUETA HAMON

Non olet, 1913.
L'homme aimé des femmes, 1913.
La Profession de M.me Warren, 1913.
(Estas três peças estão reünidas num volume com o titulo *Pièces déplaisantes*, 1913).
Le Héros et le Soldat, 1913.
Candida, 1913.
L'Homme du Dessin, 1913.
On ne peut jamais dire, 1913.
(Estas quatro peças publicadas também num só volume com o titulo *Pièces plaisantes*).
Le Disciple du Diable, 1910.
L'Homme et le Sur Homme, version abrégée pour la scéne, 1912.
Sainte Jeanne, 1925 (7,50 frs.).
Cashel Byron, gentleman et boxeur, trad. L. Baudoir, 1919 (5 frs.).
Trois pièces pour puritains, fragments caractéristiques de César et Cléopatre (1.er acte), Le Disciple du Diable (2.me acte).
La Conversion du Capitaine Brassbound (3.me acte), 1910.
Don Juan aux Enfers (2.me acte de L'Homme et le Sur homme), 1912.
Le Dilemme du Docteur (Revue de Paris, 1.er et 15 février, 1.er mars 1924).

(Continúa.)

REGISTO BIBLIOGÁFICO

A — SECÇÃO FRANCESA

1 — Literatura

a) Romances, contos e novelas:

Boni de Castellane — *L'Art d'Être Pauvre*. 12 frs. (G. Crès & C.ie).
Cendrieux (Jean) — *Al-Ghâdir ou le Sexe-Dieu*. Romance sirio. Bibliothèque Charpentier 8,50 frs.
Farrère, A. — *Une aventure amoureuse de M.me Tourville*, 20 frs. (E. Flammarion).
Beucler — *Un suicide*. In-24. 5 frs. (Libr. Gallimard).
Treich, Léon — *Histoires théatrales*, 5 frs. (Libr. Gallimard).
Bloy Léon — *Le Pal, suivi de Nouveaux Propos d'un Entrepeneur de Démolitions*, 12 frs. (Libr. Stock).
Kipling — *Sous les Déodards*, 5,75 frs. (Nelson).
Oliphant, Mrs. — *La ville enchantée* — Roman traduit de l'Anglais par Henri Brémond, 9 frs. (Bloud & Gay).
Richter (Jean Paul) — *Quintus Fixlen* 12 frs. (Libr. Stock).
Wild (Herbert) — *Le Conquérant*, présenté par Claude Farrère, 9 frs. (A. Michel).

b) Cartas, memórias e impressões de viagens:

Bashkirtseff (Marie) — *Confessions*, 7,50 frs. (Bloud & Gay).
Londres (A.) — *La Chine en folie*, 9 frs. (A. Michel).
Benjamin (René) — *La Prodigieuse Vie d'Honoré de Balzac*, 10 frs. (Plon).
Brémond (Abbé) — *Le Roman et l'Histoire d'une conversion*.

c) Ensaios, estudos e criticas:

Curnonsky et Biewstock (J. W.) — *La Musée des Erreurs où le français tel qu'on l'écrit*, 9 frs. (A. Michel).
Béclé (Albert) et Le Bail (Jean) — *Anatole France vu parl a critique d'aujour d'hui*, 4 frs. *(Les Belles Lettres)*.
Hermant (Abel) — *Platon* — Collect. des Heures antiques, 12 frs. Edição vulgar 9 frs. *(B. Grasset)*.
Mauclair (Camille) — *Le génie d'Edgar Poe*, 10 frs. *(A. Michel)*.
Bonneau (Georges) — *Albert Samain, poète symboliste*, 9 frs. *(Mercure de France)*.
Suarès (André) — *Sur la vie, essais* 9 frs. *(Emile Paul frères)*.

c) Poesia.

Desbordes Valmore (M.me) — *Poésies*, 10 frs. *Garnier frères* (reimpressão).
Boucher (Edouard) — *La Main vers l'idéal*, 5 frs. *(Edit. la Pensée latine)*.

d) Teatro.

Bataille — *Théatre complet*. IV, *La Marche Nuptiale, Poliche*, 7 frs. 50. *(E. Flammarion)*.
Fleg (Edmond) — *Le juif du Pape (Rieder & C.ie)*.

2 — HISTÓRIA

Funck — Brentano — *Les origines* — *(L'histoire de la France racontée à tous)* 20 frs. *(Hachette)*.
Gase — Desfosses (E.) — *La Revolution française II. L'Assemblée Consituante. L'Assemblée Législative*. 30 frs. *(Beauchesne)*.
Lucas - Dubreton (J.) — *Louis XVII. Le Prince Errant. Le Roi. (A. Michel)*.
Moret (Alexandre) — *Rois et Dieux d'Egypte* 20 grav. 16 pl. 1 carte, 20 frs. *(A. Colin)*.

10 — MEDICINA

Allaire — *Etudes des Hémorragies de la rétine* 10 frs. *(Arnette)*.
Amp. — *La Psychothérapie pathogénique*. 12 frs. (Le Français).
Dayras — *La Transmission de la syphilis héréditaire*. La prophylaxie individuelle et sociale 9 frs. (Arnette).
Glorion — *A propos des sutures intestinales* (La suture en 3 plans) 2 fig. 6 frs. (Arnette).
Letondal — Contribution à l'étude du megacolon chez l'enfant, 7 fig., 1 pl., hors texte, 15 frs. (Arnette).
Bouquet (Dr. Henri) — *Initiation à la Médecine*. Coll. des Initiations 6 frs. (Hachette).
Coste (F.) — *Equilibre acido-basique des milieux biologiques*, 9 frs. (Masson).
Labbé (M. et M.me Henri) — *Cuisine diététique (Baillière)*.
Parturier — *Sémeiologie biliaire*, 30 frs. *(Doin)*
Hallé (Dr.) — *Eléments de philosophie médicale*. 9 frs. Rivière).

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

	Trimestre	Semestre	Anual
CONTINENTE E ILHAS	Escudos 21$00	Escudos 42$00	Escudos 84$00
COLONIAS:			
Africa Ocidental	» 22$00	» 44$00	» 88$00
Africa Oriental, India, Macau e Timor	» 24$00	» 48$00	» 96$00
ESPANHA	» 22$00	» 44$00	» 88$00
ESTRANGEIRO	» 32$00	» 64$00	» 128$00

Por 7$00 mensais todo o português deve assinar a melhor revista do seu país

Quereis brindar vossos filhos?
Quereis que tomem gôsto pela leitura?
Quereis que aprendam a ler correntemente?

Dai-lhes a ler até aos 7 anos, os livrinhos da Biblioteca Infantil:

NA TERRA E NO MAR
CONTOS GREGOS
BONECOS FALANTES

Dos 10 anos em diante:

ROMANCE DA RAPOSA

Cada volume, brochado . . 6$00
» » com encadernação especial . . . . 10$00

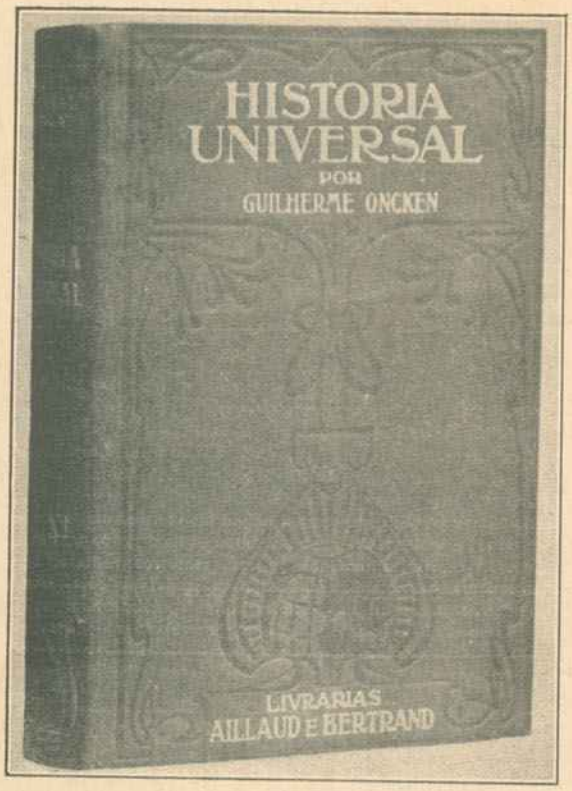
As melhores e mais bonitas histórias para crianças, por escritores portugueses e brasileiros.

. . . .

Profusamente ilustradas a côres pelos melhores artistas nacionais e estrangeiros.

. . . .

Pedidos às livrarias AILLAUD e BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA



OBRA MONUMENTAL

HISTÓRIA UNIVERSAL

POR

GUILHERME ONCKEN

Já publicados: 91 tomos = 15 volumes.

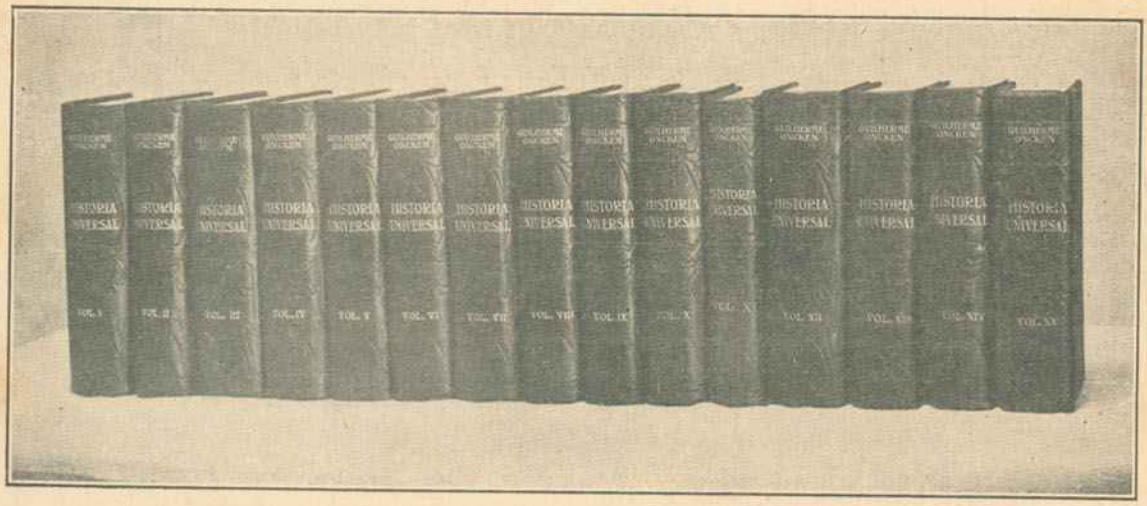
Aceitam-se assinaturas desde o início, facultando-se a quem o desejar, a aquisição da obra a pouco e pouco, e longe de qualquer encargo pesado.

Publicação em português dirigida e ordenada primitivamente por *Consiglieri Pedroso* e presentemente pelo *Dr. Manuel de Oliveira Ramos*, lente da Faculdade de Letras de Lisboa. A mais completa, a mais scientifica, a única que nos nossos dias constitui matéria de fé em todos os problemas e questões históricas. A primeira da actualidade. A obra de maior vulto que neste género se tem tentado em língua portuguesa. Profusa e ricamente ilustrada a côres, com reproduções de quadros célebres representando batalhas, costumes, etc.; de monumentos, armas, objectos de arte, tipo de raças, grandes figuras históricas, autógrafos, páginas manuscritas, iluminuras, etc., etc. Impressa em explêndido papel, hors-textes em papel couché, in-4.°. — Encadernação própria e cêrca de 1.000 páginas por cada volume.

A terminar brevemente a publicação.

Cada vol., enc.	65$00
Cada tomo, br.	8$00
Encadernação por cada vol.	25$00
Capas para a encadernação	15$00

Pedidos às

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA